

CONVERGÊNCIA

ABRIL - 2001 - ANO XXXVI - N. 341

ISSN 0010-8162

- Fidelidade Criativa
- Desafios atuais para a Espiritualidade da Libertação
- Comunidade Mista, Multidimensional e Itinerante?!
- Fórum Social Mundial I e II



SUMÁRIO

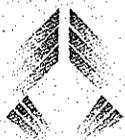
Editorial	129
Palavra do Papa	132
Informe CRB	137
Artigos	143
Fidelidade Criativa. Reflexões sobre uma Recente Experiência	143
<i>Pe. Francisco Ivern, sj</i>	
Desafios atuais para a Espiritualidade da Libertação	155
<i>José Maria Vigil</i>	
Comunidade Mista, Multidimensional e Itinerante?! História de uma Pequena Experiência	169
<i>Ir. Arizete Miranda, csa e Pe. Fernando López, sj</i>	
Fórum Social Mundial I	186
<i>Pe. Ernanne Pinheiro</i>	
Fórum Social Mundial II	190
<i>Francisco Whitaker</i>	

Capa: "A Samaritana", escultura em madeira de Antônio Francisco Lisboa (Aleijadinho), entre 1781 e 1783, no púlpito da epístola na Igreja da Venerável Ordem Terceira do Carmo, em Sabará (MG). Foto de Marcelo Pinheiro.

ASSINATURA PARA 2001:

BRASIL: Terrestre ou aérea R\$ 75,00
 Número avulso R\$ 7,50 ou US\$ 8,50
EXTERIOR: Terrestre ou aérea US\$ 85,00
 ou o correspondente em R\$ (Reais).

Os artigos assinados são da responsabilidade pessoal de seus autores e não refletem necessariamente o pensamento da CRB como tal.



convergência

Revista Mensal da

Conferência dos Religiosos do Brasil: CRB

ISSN 0010-8162

DIRETOR-RESPONSÁVEL:

Pe. João Roque Rohr, SJ

REDATOR-RESPONSÁVEL:

Pe. Marcos de Lima, SDB (Reg. 12679/78)

EQUIPE DE PROGRAMAÇÃO:

Coordenadora:

Ir. Maria Carmelita de Freitas, FI

Conselho editorial:

Ir. Rômi Auth, FSP

Pe. Francisco Taborda, SJ

Pe. Jaldemir Vitória, SJ

Pe. Cleto Caliman, SDB

DIREÇÃO, REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO:

Rua Alcindo Guanabara, 24 • 4º andar
20038-900 • Rio de Janeiro • RJ

Tel.: (0**21) 240-7299

e-mail: crb006@ibm.net

DIAGRAMAÇÃO E IMPRESSÃO:

Edições Loyola

Rua 1822 n. 347 • Ipiranga
04216-000 • São Paulo • SP

Tel.: (0**11) 6914-1922

e-mail: loyola@loyola.com.br

Editorial

*"Ressuscitou e vos precede
na Galiléia" (Mt 28,7)*
**"Ressuscitou e vos precede
na Galiléia" (Mt 28,7)**

MARIA CARMELITA DE FREITAS, FJ

Vamos celebrar a Páscoa de Jesus. Vamos, uma vez mais, como comunidade eclesial, confessar nossa fé no Ressuscitado e a "certeza da esperança que não defrauda". Vamos formular e receber votos de "feliz páscoa" e deixar que a alegria da Festa invada os espaços abertos das nossas comunidades e da nossa vida.

Na cerimônia litúrgica da vigília pascal será solenemente proclamado que o "luzeiro da manhã afugentou as trevas da noite", que o pecado foi abolido, que a Vida venceu a morte. Por sua vez, as leituras bíblicas de todo esse tempo pascal nos exortarão a não buscar o "crucificado" entre os mortos, porque Ele vive, e a acolher o testemunho das mulheres que foram cedo ao sepulcro naquela manhã: "Ressuscitou e vos precede na Galiléia; lá é que o vereis" (Mt 28,7).

Nas narrativas de Mateus, a mensagem do "anjo" às mulheres prioriza o fato mesmo da Ressurreição: "Ele não está aqui porque ressuscitou como havia dito" (28,6), e convoca os apóstolos para a Galiléia, ali onde conheceram Jesus, escutaram o seu chamado e o seguiram, partilhando da sua missão até o "caminho para Jerusalém". Essa menção da Galiléia como lugar onde o Mestre os espera contribui para conferir realismo aos fatos, para trazer os apóstolos de volta à realidade, para fazer mais viva a sua consciência de que a ressurreição não é um sonho, que a vida continua, que a ruptura da morte na cruz é ao mesmo tempo continuidade com um futuro sempre aberto, e que o caminho do seguimento ainda não chegou à sua meta. Nessa perspectiva

da Galiléia como *símbolo* da realidade onde o Espírito do Ressuscitado interpe-la os seguidores de Jesus, é que se pode compreender melhor o verdadeiro significado da Ressurreição. Como escreve Jon Sobrino, "as narrativas da ressurreição acentuam todas uma missão; Jesus não aparece só para deixar-se ver, senão que aparição e vocação a uma missão vão sempre juntas".

Por isso, a celebração da Páscoa, hoje como sempre, para ser verdadeiramente cristã, (memória de Jesus morto e ressuscitado) deve *convocar à Galiléia* os seguidores de Jesus, ou seja, deve pro-vocar e alentar um compromisso de missão na realidade concreta do mundo atual, deve suscitar e sustentar um esforço criativo e solidário de transformação radical desse mundo: "A ressurreição de Jesus é um acontecimento que funda uma nova história e para compreendê-la como tal requer-se a disposição de fundar uma nova história", requer-se, em outras palavras, ir substituindo o anti-reino pelo Reino de Deus, a injustiça pela justiça, a exclusão pela solidariedade, o egoísmo pelo amor, a morte pela vida.

Efetivamente, num mundo invadido pela onda pós-moderna e pós-utópica, subjugado pelo fascínio do poder neoliberal globalizado, marcado pelo estigma da exclusão social e da "morte" dos pequenos, caracterizado como o "fim da história", o anúncio da Ressurreição é, ao mesmo tempo, uma urgência e um paradoxo. Supõe ser, sob muitos aspectos, profético e contracultural, ou seja, caminhar com o Ressuscitado na *contramão* da história e testemunhar com a vida e com gestos concretos e alternativos, que é possível ser e fazer de outro jeito, tentar construir um mundo diferente do que está aí, semear utopias e plantar esperança, mesmo quando essa esperança pareça ameaçada e vulnerável.

A Vida Religiosa como seguimento de Jesus encontra-se hoje fortemente pro-vocada a *fazer o caminho rumo à Galiléia*; a encontrar ali o Mestre nesta difícil encruzilhada de um novo milênio, despojada e sem resistências diante da missão; disposta a assumir os riscos de deixar-se *ressuscitar* pelo poder de Deus. Isto supõe nos religiosos e religiosas a lúcida consciência de que só na medida em que se deixarem *testar* pela verdade do que ocorreu na Ressurreição mediante uma práxis transformadora conforme com os ideais dessa mesma Ressurreição, seu seguimento de Jesus será *Boa Notícia* para o mundo.

CONVERGÊNCIA quer fazer chegar às comunidades, com os votos de uma celebração pascal verdadeiramente transformadora, textos que sejam subsídios inspiradores na sua caminhada de refundação.

"*Fidelidade criativa. Reflexões sobre uma recente experiência*" — do **Pe. Francisco Ivern, SJ**, é um artigo enormemente sugestivo e inspirador. Embora o autor descreva a experiência da Companhia de Jesus, em torno ao tema da refundação, a experiência descrita é certamente apta a inspirar outras congregações, masculinas e femininas, na sua busca de fidelidade criativa, neste difícil momento histórico da Vida Religiosa. O texto fala das condições

necessárias para ser criativamente fiel e criativos com fidelidade. Aponta para algumas metas a alcançar e lembra que o “concílio” da vida religiosa latino-americana a que somos convocados pela CLAR é um momento particularmente exigente e promissor na grande perspectiva da refundação.

Pe. José Maria Vigil, no seu artigo — *“Desafios atuais para a espiritualidade da libertação”* — faz uma interessante análise da atual situação sócio-cultural e espiritual da América Latina, bem como das repercussões que todo esse processo tem na vivência de uma espiritualidade libertadora. Os novos desafios do atual contexto, sobretudo para a opção pelo pobres e a libertação, são vistos numa perspectiva de esperança e de compromisso com esse novo “tempo axial”, com esse “kairós” que pede à Vida Religiosa um repensamento em profundidade das suas estruturas e das suas opções na linha da espiritualidade e da missão.

O texto do **Pe. Fernando López, SJ** e de **Ir. Arizete Miranda, CSA** — *“Comunidade mista, multidimensional e itinerante!? História de uma pequena experiência”* — é um interessantíssimo depoimento sobre o “processo de busca, discernimento e construção coletiva” que estão vivendo, em meio a desafios inéditos e promissores. O artigo parte de uma descrição da experiência do grupo, destacando alguns elementos considerados mais significativos: — os membros que compõem o grupo, a missão itinerante, o trabalho em parceria, o apoio ao trabalho dos outros. Dessa descrição, os autores passam a uma caracterização do processo na sua fase de construção. Fazem uma breve apresentação da história vivida pelo grupo e tecem, finalmente, reflexões sobre a missão itinerante e sobre a própria comunidade itinerante. O artigo tem um tom coloquial, e constitui uma verdadeira partilha fraterna dos novos caminhos que se estão abrindo, numa perspectiva alentadora de refundação. Vale a pena ler o texto e deixar-se questionar por ele.

Os dois textos: *“Uma leitura do Fórum Social Mundial”*, do **Pe. Ernane Pinheiro**, e *“Fórum Social Mundial”* — de **Francisco Whitaker**, — constituem uma valiosa colaboração dos respectivos autores, no sentido de oferecer às comunidades religiosas elementos de reflexão sobre esse importante evento, ocorrido em Porto Alegre, em coincidência de datas com o Fórum Econômico Mundial, acontecido em Davos, na Suíça, em janeiro de 2001. ■



Palavra do Papa

"A vida como vocação"

XXXVIII DIA MUNDIAL DE
ORAÇÃO PELAS Vocações
06 DE MAIO DE 2001

**Venerados Irmãos no Episcopado,
caríssimos Irmãos e Irmãs do mundo inteiro!**

1. O próximo "Dia Mundial de Oração pelas Vocações", que será celebrado no dia 06 de maio de 2001, portanto a poucos meses do encerramento do Grande Jubileu, terá como tema "A vida como vocação". Com esta minha Mensagem, desejo refletir convosco sobre um assunto de indiscutível importância na vida cristã.

A palavra "vocação" qualifica muito bem a relação de Deus com cada ser humano, na liberdade do amor, porque "toda vida é vocação" (Paulo VI, Carta enc. *Populorum progressio*, 15). Terminada a criação, Deus contempla o homem e vê que é "coisa muito boa" (cf. *Gn* 1,31): ele o fez "à sua imagem e semelhança", confiou às suas mãos o universo e chamou-o a uma íntima relação de amor.

Vocação é a palavra que introduz na compreensão dos dinamismos da revelação de Deus, e assim desvela ao homem a verdade sobre a sua existência. No documento conciliar *Gaudium et spes* lemos que "a razão mais elevada da dignidade do homem consiste na sua vocação para a comunhão com Deus. Desde o seu nascimento, o homem é convidado ao diálogo com Deus: de fato, ele não existe senão porque, criado por Deus, por amor, é por Ele conservado, sempre por amor, nem vive plenamente e conforme a verdade, se não o reconhece livremente e não se entrega ao seu Criador" (n. 19). É nesse diálogo de amor com Deus que se alicerça a possibilidade que cada pessoa tem de crescer seguindo linhas e características próprias, que lhe foram dadas, e capazes de "dar sentido" à história e às relações fundamentais de seu existir cotidiano, enquanto está a caminho da plenitude da vida.

2. Considerar a vida como vocação facilita a liberdade interior, estimulando na pessoa o desejo de futuro, juntamente com a rejeição de uma concep-

ção passiva, aborrecida e banal da existência. A vida assume assim o valor de “dom recebido, que tende, por sua natureza, a se tornar bem doado” (Doc. *Novas vocações para uma nova Europa*, 1998, 16,b). O homem demonstra ter renascido no Espírito (cf. *Gn 3,3.5*), quando aprende a seguir a via do mandamento novo: “que vos ameis uns aos outros, como eu vos amei” (*Jo 15,12*). Pode-se afirmar que, em certo sentido, o amor é o DNA dos filhos de Deus; é “a vocação santa” com que fomos chamados “em virtude do seu desígnio e graça que nos foi dada em Jesus Cristo desde os tempos eternos, e que agora se manifestou com a aparição do nosso Salvador Jesus Cristo” (*2Tm 1,9-10*).

Na origem de todo caminho vocacional está o Emanuel, o Deus-conosco. Ele nos revela que não estamos construindo sozinhos a nossa vida, porque Deus caminha conosco em meio às nossas sucessivas vicissitudes e, se nós o quisermos, tece com cada um uma maravilhosa história de amor, única e irrepetível e, ao mesmo tempo, em harmonia com a humanidade e com o cosmo inteiro. Descobrir a presença de Deus na própria história, não mais sentir-se órfão, mas estar certo de ter um Pai ao qual pode entregar-se completamente: essa é a grande virada que transforma o horizonte simplesmente humano e leva o homem a entender — como afirma a *Gaudium et spes* — que ele não pode “encontrar-se plenamente, a não ser no dom sincero de si” (n. 24). Nessas palavras do Concílio Vaticano II, encerra-se o segredo da existência cristã e de toda autêntica realização humana.

3. Hoje, porém, essa leitura cristã da existência se choca com alguns traços característicos da cultura ocidental, em que Deus é praticamente marginalizado da vida quotidiana. Por isso, é necessário um empenho da inteira comunidade cristã, para “reevangelizar a vida”. Para esse fundamental empenho é indispensável o testemunho de homens e de mulheres que mostrem a fecundidade de uma existência que tem em Deus a sua fonte, na docilidade à ação do Espírito a sua força e, na comunhão com Cristo e com a Igreja, a garantia do sentido autêntico da fadiga quotidiana. É preciso que na comunidade cristã cada qual descubra a sua vocação pessoal e responda com generosidade. Toda vida é vocação, e todo crente é convidado a cooperar para a edificação da Igreja. No entanto, no “Dia Mundial de Oração pelas Vocações”, a nossa atenção se volta de modo especial para a necessidade e urgência de ministros ordenados e de pessoas dispostas a seguir Cristo na via exigente da vida consagrada na profissão dos conselhos evangélicos.

Precisamos de ministros ordenados que sejam “garantia permanente da presença sacramental de Cristo Redentor, nos diversos tempos e lugares” (*Christifideles laici*, 55) e, com a pregação da Palavra e a celebração da Eucaristia e dos outros Sacramentos, guiem as Comunidades cristãs pelos caminhos da vida eterna.

Precisamos de homens e mulheres que, com seu testemunho, conservem “viva nos batizados a consciência dos valores fundamentais do Evangelho” e façam “emergir na consciência do Povo de Deus a exigência de responder com a santidade de vida ao amor de Deus derramado em seus corações pelo Espírito Santo, refletindo na própria conduta a consagração sacramental produzida pela ação de Deus no Batismo, na Crisma e na Ordem” (*Vita consecrata* 33).

Possa o Espírito Santo suscitar numerosas vocações de especial consagração, para que estimulem no povo cristão uma adesão sempre mais generosa ao Evangelho e tornem mais fácil a todos a compreensão do sentido da existência como transparência da beleza e da santidade de Deus.

4. Meu pensamento vai agora aos muitos jovens sedentos de valores e, muitas vezes, incapazes de encontrar o caminho que leva a eles. Sim, somente Cristo é o Caminho, a Verdade e a Vida. E, por isso, é necessário fazer com que os jovens encontrem o Senhor, e ajudá-los a estabelecer com Ele uma relação profunda. Jesus deve entrar no mundo deles, assumir a sua história e abrir-lhes o coração, para que aprendam a conhecê-lo sempre mais, à medida que seguem as pegadas do seu amor.

A respeito disso, eu penso no importante papel dos Pastores do Povo de Deus. A eles eu recorro as palavras do Concílio Vaticano II: “Os presbíteros, em primeiro lugar, se empenhem — com o ministério da Palavra e o próprio testemunho de uma vida em que se reflita claramente o espírito de serviço e a verdadeira alegria pascal — em fazer com que os fiéis conheçam a excelência e a necessidade do sacerdócio... Para isso, é sobretudo útil uma atenta e prudente direção espiritual... Porém, atenção para que essa voz do Senhor não seja absolutamente esperada como se devesse chegar de forma extraordinária aos ouvidos do futuro presbítero. Ela precisa ser reconhecida e examinada através daqueles sinais de que todos os dias o Senhor se serve para fazer com que os cristãos prudentes entendam a sua vontade; e cabe aos presbíteros estudar atentamente esses sinais” (*Presbyterorum ordinis*, 11).

Penso também nos consagrados e nas consagradas, chamados a testemunhar que em Cristo está a nossa única esperança; somente dele é possível haurir a energia para viver as suas mesmas escolhas de vida; somente com Ele é possível ir ao encontro das profundas necessidades que a humanidade tem de salvação. Que a presença e o serviço das pessoas consagradas possa abrir o coração e a mente dos jovens para horizontes de esperança, cheios de Deus, e os eduque para a humildade e a gratuidade de amar e de servir. A significatividade eclesial e cultural de sua vida consagrada se traduza sempre melhor em propostas pastorais específicas, aptas a educar e formar os jovens e as jovens para a escuta do chamado do Senhor e para a liberdade do espírito, a fim de responder com generosidade e entusiasmo.

5. Dirijo-me agora a vós, queridos pais cristãos, para exortar-vos a estarem junto de vossos filhos. Não os deixeis sozinhos diante das grandes escolhas da adolescência e da juventude. Ajudai-os a não se deixarem dominar pela busca ansiosa do bem-estar, e guiai-os na direção da autêntica alegria, a do espírito. Fazei ressoar no coração deles, às vezes invadidos pelo medo do futuro, a alegria libertadora da fé. Educai-os, como escrevia o meu venerado predecessor, o Servo de Deus Paulo VI, “para saborearem simplesmente as múltiplas alegrias humanas que o Criador já coloca em seu caminho: alegria exaltante da existência e da vida; alegria do amor casto e santificado; alegria pacificadora da natureza e do silêncio; alegria, às vezes austera, do trabalho cuidadoso; alegria e satisfação do dever cumprido; alegria transparente da pureza, do serviço, da participação; alegria exigente do sacrifício” (*Gaudete in Domino*, I).

Seja de suporte à ação da família, a dos catequistas e dos professores cristãos, chamados de modo especial a promover nos jovens o sentido da vocação. A tarefa deles é orientar as novas gerações para a descoberta do projeto de Deus sobre cada um, cultivando neles a disponibilidade a fazer da própria vida — quando Deus chama — um dom para a missão. Isso acontecerá através de escolhas progressivas que preparam para o “sim” total, em força do qual a existência inteira é colocada a serviço do Evangelho. Queridos catequistas e professores, para conseguir isso, ajudai os adolescentes que vos são confiados a olhar para o alto, a fugir da constante tentação de servir a dois senhores. Educai-os para a confiança naquele Deus que é Pai e mostra a extraordinária grandeza de seu amor, confiando a cada um uma tarefa pessoal a serviço da grande missão de “renovar a face da terra”.

6. No livro dos Atos dos Apóstolos lemos que os primeiros cristãos “perseveravam na doutrina dos apóstolos, nas reuniões em comum, na fração do pão e nas orações” (2,42). Todo encontro com a Palavra de Deus é um momento feliz para a proposta vocacional. A intimidade das Sagradas Escrituras ajuda a entender o estilo e os gestos com os quais Deus escolhe, chama, educa e faz participante do seu amor.

A celebração da Eucaristia e a oração fazem entender melhor as palavras de Jesus: “A messe é grande, mas os operários são poucos! Rogai, pois, ao Senhor da messe que envie operários!” (Mt 9,37-38; cf. Lc 10,2). Rezando pelas vocações aprende-se a olhar com sabedoria evangélica o mundo e as necessidades de vida e de salvação de todo ser humano; além disso, vive-se a caridade e a compaixão de Cristo para com a humanidade, e se alcança a graça de poder dizer, seguindo o exemplo da Virgem: “Eis-me aqui, sou a serva do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra” (Lc 1,38).

Convido todos a implorar comigo ao Senhor, que não faltem operários na sua messe:

Pai santo, fonte perene da existência e do amor, que mostras, no homem vivente, o esplendor da tua glória, e colocas no seu coração a semente do teu chamado, fazes com que nenhum deles ignore esse dom ou o perca, por negligência de nossa parte, mas que todos, com total generosidade, possam caminhar rumo à realização do teu Amor.

Senhor Jesus, que no teu peregrinar pelas estradas da Palestina, escolheste e chamaste os apóstolos e confiaste a eles a tarefa de pregar o Evangelho, cuidar dos fiéis, celebrar o culto divino, fazes que também hoje não faltem na tua Igreja numerosos e santos sacerdotes, que levem a todos os frutos da tua morte e da tua ressurreição. Espírito Santo, que santificas a Igreja com a constante efusão de teus dons, insere no coração dos chamados à vida consagrada uma íntima e forte paixão pelo Reino, a fim de que, com um "sim" generoso e incondicional, coloquem a própria existência a serviço do Evangelho.

Virgem Santíssima que, sem hesitar, ofereceste a ti mesma ao Onipotente, para a realização do seu projeto de salvação, infunde confiança no coração dos jovens para que haja sempre pastores zelosos que guiem o povo cristão pelo caminho da vida, e almas consagradas que saibam testemunhar na castidade, na pobreza e na obediência, a presença libertadora de teu Filho Ressuscitado. Amém.

Vaticano, 14 de setembro de 2000

Joannes Paulus II



Curso de Capacitação de Lideranças para assessoras das regionais da CRB

O curso realizou-se nos dias 12 a 16 de fevereiro de 2001, na Casa de Retiros São José, em Belo Horizonte. Foi mais um curso de uma série sempre realizada no mês de fevereiro. Contou com a participação de 27 assessoras das Regionais, com o Presidente Nacional, Pe. João Roque Rohr, SJ e Ir. Regina Maria Cavalcanti, RA, da Diretoria Nacional, além de seis assessores da Nacional (CEN e CERNE).

Os objetivos deste curso foram: 1) *Dar continuidade ao processo de formação das assessoras regionais em vista de maior unidade na missão da CRB.* 2) *Fazer memória do Projeto "Tua Palavra é Vida" para revigorar na caminhada nas Regionais.* 3) *Aprofundar o processo de Análise Institucional nas Regionais visando a Refundação.* 4) *Partilhar informações e experiências para ultimar os encaminhamentos para o XIX AGO.*

Os primeiros dois dias foram dedicados ao Projeto Tua Palavra é Vida (TPV), com a assessoria de Frei Carlos Mesters, OC e Ir. Enilda Paula Pedro, CBP, membros da Equipe de Reflexão Bíblica. Eles conduziram um estudo sobre Jeremias 31, 15-22, usando a própria Leitura Orante e muita participação das assessoras. Foram feitos uma memória histórica do Projeto e um levantamento de sua caminhada atualmente nas Regionais. E no último bloco focalizou-se a frase "Há uma esperança para o teu futuro" (Jr 31,17), sugerida pela Diretoria Nacional como citação bíblica iluminadora da XIX AGO.

Nos dois dias seguintes mudou-se o tema de estudo e, com a assessoria do Pe. Edênio Valle, SVD, o curso aprofundou a Análise Institucional (AI). O Pe.

Edênio, primeiro, deu uma visão histórica situando o momento atual da VR no Brasil, e, depois, retomou o já aprendido em cursos anteriores sobre refundação e AI. O aprofundamento teve por finalidade: a) a aquisição de elementos nacionais e instrumentais no repensamento da organização e estrutura nas Regionais; b) uma maior capacitação na liderança da VR (com ênfase nas tarefas de animar, coordenar e articular); c) uma maior segurança pessoal no trabalho (visando um crescimento na realização pessoal, na mística cristã e em confiança no processo).

Questões administrativas foram examinadas numa sessão à noite com a assessoria da Ir. Maria José Pinto, STS, do Departamento Administrativo-Financeiro da Nacional. Na avaliação do curso, porém, reivindicou-se um maior e melhor espaço para este assunto.

Mas os dias do curso não foram somente de estudo e trabalho! Além de um agradabilíssimo passeio com pizza e confraternização, houve, também, momentos riquíssimos de oração e celebrações eucarísticas que expressaram a fé e o compromisso dos participantes na busca fiel e criativa da refundação da VR no Brasil.

2. 5ª Reunião ampliada do SVM

DOM ANGÉLICO SÂNDALO BERNARDINO
PE. JOSÉ LISBOA MOREIRA DE OLIVEIRA, SDV
PE. JOSÉ ANTÔNIO DE OLIVEIRA

1. O ACONTECIMENTO

No período de 06 a 09 de novembro de 2000, na casa de Encontros das Missionárias de Jesus Crucificado, em Brasília (DF), realizou-se a 5.ª Reunião Ampliada do Setor Vocações e Ministério (SVM) da CNBB. Dela participaram 47 pessoas, representando os Organismos que compõem o Setor: Pastoral Vocacional (PV), Comissão Nacional de Diáconos (CND), Comissão Nacional de Presbíteros (CNP) e a Organização dos Seminários e Institutos de Filosofia e Teologia do Brasil (OSIB). O encontro teve três momentos bastantes significativos: avaliação da caminhada, iluminação teológica e projeção da missão.

2. A AVALIAÇÃO DA CAMINHADA

Este momento ocupou a manhã do primeiro dia (07 de novembro). Partindo-se de um questionário, cada organismo presente procurou verificar como foi o seu caminho no ano 2000. Vimos os avanços ou conquistas, as maiores dificuldades e os horizontes ou perspectivas. Foi avaliado também o objetivo do SVM, tendo presente o que é indicado à pág. 46 do 15.º Plano Bial da CNBB. Tentou-se perceber se, ao longo do ano que se finda, ele foi, de fato, atingido.

Entre os *avanços* destacados pelos quatro Organismos destacou-se: a implementação de várias OSIB's Regionais, a realização de encontros e seminários, escola de formadores, reflexão sobre a teologia da vocação, melhor acompanhamento de vocacionados e vocacionadas, cursos de atualização, publicação de boletins, escolas vocacionais, escolas diaconais, vídeos e a celebração do Jubileu por vários grupos.

As *dificuldades* mais evidenciadas foram as seguintes: as distâncias; a falta de recursos humanos e econômicos; poder centralizado na Igreja; fazer chegar até às bases o resultado de encontros, cursos e seminários; as vocações provenientes dos movimentos; falta de pessoal liberado e especializado; falta de articulação nos diversos âmbitos, ausência dos regionais nos encontros.

Apesar disso, consegue-se enxergar muitos horizontes. Entre eles sobressaem: a busca de recursos; a formação de agentes; o testemunho de muitas pessoas; a valorização dos ministérios em vários lugares; a formação de equipes vocacionais, com a presença forte de leigos, leigas e casais; aumento das vocações para o diaconato permanente e das escolas diaconais (hoje são 55).

Com relação ao *objetivo* do SVM, viu-se, através de vários exemplos, que existe progresso na busca do mesmo, mas há ainda muito a fazer. Percebeu-se que há falta de clareza quanto à identidade do SVM. Fala-se de "vocações e ministérios", mas fica-se muito concentrado na questão das vocações e dos ministérios ordenados. Concluiu-se por uma necessidade de revisão desta identidade e do objetivo do Setor.

3. ILUMINAÇÃO TEOLÓGICA

Partindo desta avaliação, o Pe. Antônio Almeida, do clero de Apucarana (PR), teólogo, convidado para assessorar esta reunião, procurou oferecer algumas pistas de reflexão.

Antes de tudo chamou a atenção para o fato de que o "corpo" do SVM parece estar bom. A "saúde" do setor é boa, mas transparece uma preocupação excessiva com o institucional. Via uma tendência a centrar as questões na instituição, enquanto falta uma visão mais profunda da realidade e da missão. As respostas dos organismos não trazem questionamentos, fazem poucas

referências eclesiológicas e missionárias. Parece que para o grupo o mundo não existe. A missão está fora dos horizontes dos organismos que compõem o SVM. Tudo está muito voltado para as questões internas.

Diante desse quadro, Pe. Antônio Almeida propôs uma reflexão baseada em três pontos: missão, Igreja e desafios para a missão.

Começou lembrando que a Igreja existe para a *missão*. Ela é essencialmente missionária e não se esgota no aspecto cultual, no âmbito dos sacramentos. É importante refletir sobre isso, a fim de se evitar uma série de reducionismos, entre os quais aquele que faz do ministro ordenado um simples "gerente", concentrando tudo na administração dos elementos institucionais da Igreja. Lembrou os diversos aspectos da missão, considerados no documento 62 da CNBB sobre a missão e os ministérios dos cristãos leigos e leigas (parágrafos 44-51). A compreensão da missão da Igreja inclui diversas facetas complementares: obra de Deus, serviço do Reino, diálogo com a sociedade, com as culturas, com as outras Igrejas, com as outras religiões; evangelização, nova evangelização e evangelização inculturada. Por fim recordou a origem trinitária da Igreja e da sua missão, de acordo com a perspectiva do Vaticano II.

No que diz respeito ao tema da *Igreja*, Pe. Antônio Almeida lembrou que, há algum tempo atrás, se falava sobre **modelos de Igreja**. Mais recentemente, o Pe. Libânio procurou dar um passo à frente, apresentando como referencial os **cenários de Igreja**. Agora, o novo projeto da CNBB, "Ser Igreja no Novo Milênio", tem a vantagem de apresentar um **retrato ideal** de Igreja, tendo como pano de fundo o livro dos Atos dos Apóstolos. Este retrato ideal é importante enquanto propõe uma visão eclesial que brota da própria revelação bíblica. Em tempos de dispersão é importante apontar este referencial. A eclesiologia bíblica mostra a Igreja como mistério, povo de Deus em comunhão e participação, construída pelo Espírito, sendo para o mundo sacramento da salvação.

Para uma Igreja que pretende ser sinal e sacramento da salvação divina, apresentam-se no momento alguns *desafios*. Antes de tudo os desafios no campo *ético*, entre os quais a problemática da miséria, do desemprego, da instabilidade da família, da globalização, da engenharia genética. Temos os desafios no campo da *ecologia*: insuficiência de recursos do planeta, esgotamento das reservas petrolíferas, poluição, efeito estufa, rompimento da camada de ozônio, crise da falta de água. No campo da *cultura* encontramos as questões de identidade das etnias, da autonomia das pessoas, as aspirações dos povos, a busca da felicidade, a valorização do corpo. A Igreja encontra dificuldade em realizar uma verdadeira inculturação. Na teoria, a inculturação já é bastante compreendida. Porém, na prática, estamos ainda muito aquém do desejado e esperado. Pode-se ainda falar do desafio da *comuni-*

ção, de toda a situação do mundo da *política*, além do *ecumenismo* e do diálogo *inter-religioso*.

Tudo isso nos mostra a urgência de uma *refontalização*, da necessidade de voltarmos ao Novo Testamento. Vivemos num momento de crise inédita do cristianismo, de mudança total da ética. Estamos em outra civilização. A imaginação precisa tomar conta da Igreja, superando uma certa "gerontologia" dominante. A criatividade deve perpassar sobretudo o âmbito dos ministérios. Neste sentido o Novo Testamento é muito indicativo, enquanto mostra com muita clareza que a Igreja primitiva usou de muita liberdade para dotar a comunidade dos ministérios e serviços dos quais ela precisava. Com relação ao ministério ordenado é preciso que fique claro que ele não é o único ministério indispensável na comunidade. Por isso é urgente um sadio pluralismo ministerial, capaz de promover a diversidade e a complementaridade. Nesta área permanecem alguns desafios que precisam ser encarados com mais coragem e ousadia: a questão do celibato, o problema da participação da mulher na Igreja e o discernimento vocacional. Quanto a este último, cabe verificar se a pessoa está plenamente identificada com a missão. Quantas vezes, por exemplo, ordenamos presbíteros sem nenhum ardor missionário.

4. PROJETO "SER IGREJA NO NOVO MILÊNIO"

Todas essas reflexões foram enriquecidas pela apresentação do novo projeto de evangelização da CNBB: "Ser Igreja no Novo Milênio". Pe. Manoel Godoy fez uma exposição de todo o Projeto, lembrando a importância de dar seqüência ao PRNM, que deixa marcas muito positivas, despertando expectativas e esperanças. O mundo de hoje vive um certo "desencanto"; tanto a sociedade, marcada por sérios problemas e falta de perspectivas, como a Igreja, que experimenta uma espécie de crise da pós-vaticanicidade. Neste contexto, cabe aos cristãos, portadores da Boa Nova, resgatar o encanto e dar razões para a esperança.

O novo Projeto quer lançar um olhar para a frente, se inspirando no passado, na sua origem. Para resgatar o elã dos primeiros, nada melhor do que beber na fonte. Por isso, tomaremos como referência o livro dos Atos dos Apóstolos. Olhando o retrato da primeira comunidade, podemos aprofundar melhor a identidade da Igreja, que se alimenta da Palavra e dos Sacramentos, e se lança para a missão. Missão que se volta para a pessoa, buscando sua formação e educação na fé, e para a sociedade, no que diz respeito ao serviço e à ação pública da Igreja.

Considerando que os presbíteros são mola propulsora dos PSINM, e que muitos, infelizmente, não assumem efetivamente estas iniciativas, fomos convidados a refletir: que pistas temos para passar o SINM para frente? Como nosso Organismo pode assumir o SINM?

5. PROJEÇÃO DA MISSÃO

Após estas considerações, na tarde do dia 8 de novembro (quarta-feira), os Organismos que compõem o SVM voltaram a se reunir para pensar a sua ação a partir dos dois pontos anteriores.

Algumas atividades foram programadas. A PV decidiu elaborar um projeto até 2005, quando se pensa realizar o 2.º Congresso Vocacional do Brasil, atendendo à solicitação da grande maioria dos participantes do primeiro, realizado no ano passado em Itaiçi. Neste período a PV realiza o 14.º Encontro Nacional para refletir sobre a ministerialidade da Igreja (2001). Propôs que, em 2002, na reunião ampliada do SVM, se reflita sobre algumas questões mais exigentes: gênero, celibato, sexualidade, homossexualidade. Em 2003, no 15.º Encontro Nacional de PV, será aprofundado o tema da dimensão vocacional da ação evangelizadora da Igreja.

A CNP dedicará o próximo ano à preparação do 9.º Encontro Nacional de Presbíteros (ENP), o qual terá como tema "Presbítero: pessoa e missão" e como lema "Revesti-vos do homem novo" (Ef 4,24). Além disso, continuará com os Cursos de Formação Permanente para Presbíteros e com a elaboração final do projeto da Pastoral Presbiteral. A CND pretende continuar aprofundando o tema da caridade na Igreja e trabalhando nas Diretrizes para a vida e o ministério dos Diáconos, esperando que elas sejam aprovadas na Assembléia Geral da CNBB, em julho do próximo ano. A OSIB, por sua vez, celebrará a sua assembléia geral de 6 a 10 de fevereiro do próximo ano em Itaiçi. O tema central será: "Ser Igreja no Novo Milênio na perspectiva do Processo Formativo". Em julho de 2001 promoverá o encontro de Diretores Espirituais e Pregadores de Retiros. Para outubro de 2001 está programado o 2.º Encontro do Propedêutico e para o início de 2002 um Encontro dos psicólogos, psicopedagogos que atuam nos seminários e casas de formação.

CONCLUINDO...

No final desta 5.ª Reunião Ampliada do SVM, após a sua avaliação, decidiu-se por um estudo sério sobre a sua atual estrutura. Com a ajuda de um especialista, queremos avaliar o jeito atual de ser do SVM, procurando verificar se o modo como ele está organizado corresponde às exigências do momento atual e ao objetivo ao qual se propõe. Estabeleceu-se a realização da sexta Ampliada para os dias 15 a 18 de outubro de 2001, em Brasília. ■

FIDELIDADE CRIATIVA

Reflexões sobre uma Recente Experiência

PE. FRANCISCO IVERN, SJ

INTRODUÇÃO

Em lugar de “refundação”, a expressão “fidelidade criativa”, usada por João Paulo II, é cada vez mais freqüente para sublinhar a necessidade de repensar a Vida Religiosa, tanto em fidelidade ao carisma original, quanto e sobretudo em função do novo contexto, das novas necessidades e desafios que o mundo de hoje apresenta para a vida consagrada. Não é que a palavra “refundação” assuste pela sua aparente radicalidade, já que a fidelidade criativa pode também nos levar muito longe. Para alguns, porém, não se trata de construir de novo sobre os mesmos fundamentos, sólidos e imutáveis, mas de conceber a Vida Religiosa de um modo mais flexível e menos estruturado.

A fonte inspiradora e o carisma original ficariam inalterados. Também não mudariam, naturalmente, os objetivos últimos que queremos alcançar. Mas poderiam mudar sim, mesmo substancialmente, além de atitudes e hábitos de pensar e agir, também os meios que empregamos para alcançar aqueles objeti-

vos, como os tipos de obras, instituições ou ministérios e as estruturas de vida comunitária e de governo. O objetivo das mudanças seria sempre o mesmo: atender melhor a necessidades apostólicas emergentes e enfrentar com maior eficácia novos cenários e desafios.

Foi em nome da “fidelidade criativa” que, recentemente, o Superior Geral da Companhia de Jesus, acompanhado pelos seus Conselheiros Gerais e Assistentes Regionais, inaugurou, no Santuário de Loyola, Espanha, uma reunião de todos os Provinciais e Superiores Maiores da ordem: um total de mais de 130 religiosos. A reunião colocava especial ênfase na colaboração inter e supra-provincial e nas estruturas mais adequadas para fomentar e promover essa colaboração.

Não pretendo apresentar nenhuma síntese daquela reunião, mas simplesmente refletir livremente sobre ela, do ponto de vista da “fidelidade criativa”, apontando algumas questões e problemas que surgem quando quere-

mos passar da teoria à realidade, em uma ordem religiosa como a Companhia de Jesus: de longa tradição, ainda numerosa e estendida por todo o mundo, com características de corpo universal, mas hoje com graus de vitalidade e crescimento muito diversos segundo os países e as regiões. "Loyola 2000", o nome que aquele memorá-

vel encontro recebeu, oferece a base para as minhas considerações. Elas certamente não refletem toda a riqueza daqueles sete dias de intensas reuniões. Ainda assim, acho que o que direi a seguir tem algum fundamento naquela reunião e pode oferecer matéria de reflexão para religiosos de outras congregações.

É MAIS FÁCIL SER "FIEL" DO QUE CRIATIVO

Fidelidade e criatividade são inseparáveis. Um termo implica o outro. Na Vida Religiosa não podemos ser verdadeiramente criativos se não formos fiéis, mas também não somos de fato fiéis a um carisma como aquele de Inácio de Loyola e de outros tantos fundadores, se não formos criativos. Ninguém negará isso. Quando chega o momento da verdade, porém, é mais fácil sermos "fiéis" do que criativos. Em Loyola experimentamos essa dificuldade. Ousaria dizer que no nosso encontro fomos mais "fiéis" do que criativos.

Coloco a palavra "fiéis" entre aspas, porque é evidente que se formos verdadeira e profundamente fiéis, provavelmente também seremos criativos. Na vida real, porém, nem a fidelidade nem a criatividade são sempre inteiramente perfeitas ou autênticas.

Se é verdade que devemos buscar nas origens, no carisma fundacional, a inspiração para mudanças que se impõem, não é simplesmente uma volta às origens, nem uma mera renovação da nossa vida espiritual que nos ajudará a ser criativos. É uma leitura atenta dos sinais dos tempos e a abertura dócil a

uma realidade em contínua mudança que define o campo da nossa criatividade. É a coragem, motivada e sustentada pelo amor de Deus, certamente, mas também pelo zelo apostólico e por uma sensibilidade para perceber as novas necessidades dos nossos contemporâneos, que nos ajudará, com a graça de Deus, a exercer essa criatividade.

Agimos, às vezes, como se o futuro do nosso apostolado, as novas orientações que deveríamos adotar, as mudanças que deveríamos efetuar, estivessem já de algum modo contidas, como um embrião, no carisma original, e que quanto mais nos identificarmos com ele, mais criativos seremos, também no nosso apostolado. Olhamos mais para trás e para dentro, do que para a frente e para fora. Às vezes tendemos a ser um tanto masoquistas e atribuímos à nossa falta de fidelidade, tanto a nossa pouca criatividade, quanto, por exemplo, o nosso escasso êxito na promoção vocacional. Raramente nos perguntamos se, às vezes, a nossa baixa vitalidade espiritual não se deva talvez à nossa pouca criatividade na área apostólica. Por outro lado, será que os jovens de hoje

não se sentem atraídos, simplesmente pela nossa falta de vitalidade espiritual, individual e comunitária? Será que, além de outros motivos, a nossa falta de criatividade apostólica também não os desanima? Voltarei sobre esse ponto mais adiante.

O mesmo que dizemos em termos de fidelidade e criatividade, poderia também ser dito em termos do "religioso" e do "apostólico". Para uma ordem como a Companhia de Jesus, as dimensões religiosa e apostólica são tão inseparáveis como fidelidade e criatividade. Também no nosso caso, com frequência os esforços para se renovar, para mudar, para sermos criativos, se centram muito mais sobre a renovação espiritual, para sermos fiéis às nossas origens religiosas, do que sobre os nossos esforços para nos atualizar do ponto de vista apostólico e mudar, sempre que necessário, instituições, obras e estruturas nas quais se exerce e desenvolve o nosso apostolado.

Às vezes costumo dizer, meio brincando, que cada Província, Região ou comunidade religiosa tem a vitalidade espiritual que "merece" ou que merece o seu zelo apostólico ou o projeto apostólico que se propõe realizar. Quero sublinhar com isso que o "religioso" e o "apostólico" estão intimamente inter-

relacionados e se complementam mutuamente. Supondo o mínimo necessário de espírito religioso, nem sempre é verdade que devemos ser primeiro religiosamente "fiéis", para sermos depois apostolicamente "criativos". O apostolado também é fonte de motivação e inspiração religiosa. Não é fácil convencer alguém a ser mais "fiel", quando o projeto apostólico que temos para lhe propor não parece "merecer" ou exigir tanta fidelidade.

Não falo aqui de ativismos apelidados de "apostólicos", sem um mínimo de motivação e fundamentação religiosa, nem nego absolutamente a necessidade perene de nos renovar do ponto de vista religioso. Aponto apenas a tentativa de esconder-nos detrás do "religioso", para escapar dos desafios e das difíceis decisões que a criatividade apostólica exige.

É evidente que todas essas são questões complexas. Não só porque não é fácil mudar atitudes, hábitos, instituições e estruturas consolidadas ao longo de séculos, mas porque, às vezes, não podemos contar com os recursos humanos, suficientes e adequados, para efetuar mudanças, mesmo as que desejamos. Essa escassez de recursos humanos, limitados e com frequência decrescentes, levanta outro problema.

COMO PODE SER CRIATIVO UM CORPO JOVEM E VELHO AO MESMO TEMPO?

A Companhia de Jesus não é hoje tão numerosa como trinta ou quarenta anos atrás. As nossas últimas estatísticas registram uma diminuição anual de mais de 300 religiosos. Essa realidade,

porém, esconde uma grande diversidade de situações segundo países e regiões. Em alguns continentes a ordem continua crescendo, em outros se mantém mais ou menos estável, em outros está rapi-

damente envelhecendo, o que significa que está gradualmente morrendo.

Quando em um determinado país, por exemplo, 45% dos efetivos tem 75 ou mais anos e as vocações são muito escassas, por não dizer muito raras, que significa sermos criativos? Acho que, mesmo nesses casos, há também lugar para uma certa "criatividade". Não seria, porém, a mesma que quando podemos dispor de efetivos numerosos e jovens: isto é, a criatividade para enfrentar novas necessidades e novos desafios apostólicos. Embora a fidelidade e a criatividade nem sempre respeitem as fronteiras da idade, geralmente não podemos exigir a mesma criatividade de pessoas de 75 ou mais anos do que de religiosos entre 35 e 60 anos.

Como planificar e governar, como ser fiéis e criativos, em uma situação como a que tem que enfrentar a Companhia de Jesus hoje? Me fazia essa pergunta quando via reunidos num mesmo auditório, em Loyola, de um lado os nossos irmãos da Índia que hoje conta com quatro vezes mais de jesuítas do que o Brasil e continuam crescendo, junto com os jesuítas da África, da América Latina e da Ásia Oriental, onde

a Companhia se mantém mais ou menos estável, com ligeiros ganhos e pequenas perdas anuais, e, do outro lado, os jesuítas da Europa Ocidental e da América do Norte, onde as perdas anuais são bastante substanciais. Podemos dizer que nestas regiões a Companhia está morrendo aos poucos, a não ser que haja uma mudança brusca nas atuais tendências, o que poderia acontecer a longo prazo, mas que a curto e médio prazos, embora não possa ser excluído, é pouco provável.

Que podemos fazer em uma situação como essa ou parecida a essa? Se tentarmos planificar e governar do mesmo modo um corpo com membros com graus de vitalidade e de idade tão diversos, corremos o risco de adotar uma posição média ou de nivelar as coisas por baixo, deixando de tomar decisões que deveriam ser tomadas ou de fazer as mudanças que deveriam ser feitas, em prejuízo de necessidades que deveriam ser atendidas e de desafios apostólicos que deveriam ser enfrentados. Existe o perigo de que as partes ou os membros mais vitais adotem o ritmo dos menos vitais e que todo o corpo sofra por causa disso.

DESCENTRALIZAR, MANTENDO A UNIDADE E A COESÃO DO CORPO

Nesse caso, não vejo outra solução, num grupo com características universais e com um forte governo central, como é aquele dos jesuítas, senão descentralizar o governo, mantendo ao mesmo tempo a unidade e coesão do corpo e a sua universalidade. Descentralização que se efetuará sobretudo na área apostólica, para

podermos adotar modos e ritmos de mudança adequados à idade e vitalidade dos nossos efetivos e também às necessidades das nossas populações, porque lá onde a Companhia envelhece mais rapidamente, a situação demográfica e sócio-cultural daquelas regiões também é diversa.

Alguém poderia dizer que essa “descentralização” e adequação às circunstâncias já acontece espontaneamente nas Províncias. O importante, porém, não é que isso aconteça “espontaneamente” no nível provincial, mas que o corpo como um todo, consciente dessa diversidade, adote políticas adequadas, não permitindo que, de fato, uma parte do corpo acabe impondo sobre a outra ou sobre o corpo todo, direta ou indiretamente, as suas necessidades (pessoais, comunitárias ou apostólicas) e os seus ritmos específicos de mudança. Se isso acontecer, como apontava antes, o corpo todo acabaria envelhecendo e perdendo a sua criatividade.

É preciso, num corpo que pretende ser universal e ficar disponível para atender as necessidades apostólicas lá onde forem mais importantes e urgentes (onde quer que seja), manter bem firme a unidade e bem clara a inspiração e orientação religiosa e apostólica do conjunto. Para isso seria necessário fixar certos objetivos e prioridades para todos, e ao mesmo tempo reforçar as estruturas intermediárias de planificação e governo, nos níveis regionais ou continentais, para que traduzam aqueles objetivos e prioridades em função das necessidades das suas respectivas regiões.

Esse era de fato um dos principais objetivos de Loyola 2000 e o P. Geral sublinhou-o claramente no seu discurso inaugural, citando a Congregação Geral 34: “O Pe. Geral...em seus contatos pessoais regulares com os Provinciais e com os Moderadores de Conferências (de Provinciais e Superiores Maiores), discernirá as necessidades mais importan-

tes da Igreja universal e estabelecerá prioridades globais e regionais. Estas deverão ser levadas em consideração quando as Conferências e as Províncias estabeleçam suas respectivas prioridades.” (D. 21, n.28)

As nossas Congregações Gerais contribuem certamente para a unidade e a coesão de todo o corpo. Com frequência, porém, fora de normas e diretrizes de ordem jurídica, sobretudo na área da vida religiosa, pessoal e comunitária, os decretos dessas Congregações são mais inspirativos do que operacionais e se prestam, com frequência, a interpretações diversas. Esses decretos precisariam ser traduzidos, como a C.G. 34 sublinha no trecho citado, em termos de prioridades e objetivos globais e regionais mais concretos, para poderem influenciar de um modo efetivo a nossa planificação e governo apostólicos.

Não falo aqui dos níveis provinciais, porque estes já funcionam agora com relativa autonomia e se deixamos à iniciativa, pela planificação e o governo apostólicos, só ou sobretudo a esses níveis, correríamos o perigo de criar de fato uma federação de Províncias, com orientações apostólicas tão diversas e variadas que a unidade e a coesão do corpo, do conjunto, ficariam ameaçadas. Por esse motivos a agenda de Loyola 2000 foi elaborada sobretudo em termos de colaboração inter e supra provincial e das estruturas necessárias para isso, porque são esses níveis de planificação e governo apostólicos, em regiões relativamente homogêneas do ponto de vista sócio-econômico, sócio-político e sócio-cultural, que precisariam ser reforçados.

Num extremo, temos as congregações religiosas que marcam uma clara opção e ruptura com o mundo, como seriam, por exemplo, as ordens contemplativas ou monacais de “estrita observância” e clausura. No outro extremo, estariam os leigos que hoje, como os religiosos, embora de outro modo, isto é, vivendo e trabalhando no meio do mundo, também são e se sentem chamados à perfeição e ao apostolado. Esses extremos, representando opções claras e bem definidas, pareceriam ter o seu futuro, senão garantido, pelo menos melhor assegurado. O problema está mais no meio, em congregações ou ordens como a Companhia de Jesus que querem ser religiosas, contemplativas, apostólicas e ativas no mundo, tudo ao mesmo tempo. Nesses casos, a fidelidade ao carisma original que articula e une as diversas dimensões da vocação religiosa e apostólica dessas congregações e que lhes dá valor e sentido, é ainda mais necessária para a sua sobrevivência.

No caso dos jesuítas, por exemplo, se perderem a mística de se manter “contemplativos”, mesmo no meio do mundo e das múltiplas e variadas ocupações e ministérios a que, por vocação, são chamados, o seu futuro ficaria bem incerto, para não dizer que não teriam futuro. Nesse caso, seria mais interessante, para um jovem que se sente chamado a seguir a Jesus Cristo de perto e promover seu Reino, optar por um apostolado laical, do que por um ativismo apostólico na Vida Religiosa, sem a mística que lhe dá valor e sentido, além de ter que assumir

todas as privações e sacrifícios que a Vida Religiosa comporta.

Por outro lado, porém, se não formos criativos, se não mostrarmos, não apenas que estamos conscientes dos novos desafios que o mundo contemporâneo apresenta, mas que também estamos preparados e tomamos as medidas necessárias para enfrentar esses desafios, embora isso possa exigir mudanças nos nossos modos tradicionais de proceder na área apostólica, também não podemos colocar muita esperança no futuro. Futuro que está nas mãos de Deus, certamente, mas que também depende da nossa criatividade, da nossa vontade efetiva de mudar sempre e quando necessário. Do contrário, esse futuro chegará, mas não estaremos lá, como religiosos e jesuítas, para vê-lo ou relatá-lo.

O jovem que se sente chamado à perfeição e ao apostolado, tem hoje mais escolhas do que antes. Desde a vocação cristã laical, plena e seriamente assumida, até a vocação à vida contemplativa ou monacal, passando por associações de leigos consagrados ao apostolado, pelos institutos seculares e pelas congregações religiosas apostólicas, engajadas em campos específicos de apostolado ou abertas, como os jesuítas, a uma grande variedade de obras e ministérios. Não falo aqui sobre as vocações ao clero diocesano que são ainda numerosas, pelo menos em países do chamado Terceiro Mundo e, em particular na América Latina, porque esse fenômeno é complexo e mereceria um tratamento à parte. Limiteme à Vida Religiosa.

Em todas as opções que acabo de mencionar, pode-se seguir e imitar a Jesus Cristo. A escolha entre uma e outra será determinada por diversos fatores, mas suponho que o jovem de hoje também se sentirá atraído pelo projeto religioso e apostólico que esses diversos grupos lhe ofereçam e pela capacidade desse projeto para responder, a seu modo, mas com eficácia, à fome e à sede de valor e de sentido que esse/essa jovem descobre nos seus colegas e contemporâneos: isto é, de responder em modos que tenham em conta a cultura do nosso tempo e que os homens e mulheres de hoje possam compreender e eventualmente aceitar, com a graça de Deus.

O problema das vocações à Vida Religiosa apostólica é bem complexo e não pretendo resolvê-lo em poucos parágrafos. Se olharmos o que acontece em muitas regiões, porém, o futuro não oferece muita esperança. Tudo parece indicar que quando avança o desenvolvimento e o "progresso", concebido nos termos do sistema materialista e consumista em que vivemos submersos, as vocações tendem a diminuir. Mas devemos assumir riscos, apostar no futuro e não nos resignar a aceitar o aparentemente inevitável. Os caminhos de Deus são misteriosos e imprevisíveis. Mudanças, até um tanto repentinas, de tendências que muitos consideram irreversíveis, são sempre possíveis.

O fato, porém, de toda vocação ser graça de Deus, não significa que Deus vai ouvir as nossas orações, se não colocarmos os meios necessários para atrair os jovens. Esses meios não se limitam ao nosso exemplo de vida, pes-

soal e comunitária, embora esse fator seja muito importante.

Diante de tantas alternativas que a realidade religiosa hoje lhe oferece, o jovem de qualidades e grandes desejos também procura um projeto de vida e apostolado, claro e bem definido, que responda às suas aspirações de jovem do século 21. Hoje não basta o nosso nome, fama ou história, por muito rica e gloriosa que esta seja. Se não formos criativos, corremos o risco de acolher mais os que nos procuram em busca de estabilidade e segurança, ou por necessidades pessoais de todo tipo, do que os jovens de que precisamos. Não sabermos, porém, dos que precisamos, se não tivermos, como corpo, não apenas textos inspirativos, mas também um projeto apostólico, com alguns objetivos e prioridades bem definidos.

A história e as estatísticas mostram que as congregações religiosas nascem e morrem a um ritmo relativamente elevado. Talvez nem a Companhia de Jesus nem outras congregações religiosas bem conhecidas sejam um dia mais necessárias. Santo Inácio não excluía essa hipótese. A nenhuma congregação religiosa Deus garantiu eterna sobrevivência! Se sobrevivemos ou não, porém, não depende só dele, mas também de nós mesmos: da nossa fidelidade e da nossa criatividade. Hoje quem não se define, quem não mostra um rosto bem delineado, não tem chances de sobreviver; está condenado ao esquecimento, ao anonimato. Isso vale no nível individual e também coletivo, incluindo as congregações religiosas. O fato de terem

sido importantes e famosas no passado, não garante automaticamente vocações. Em congregações ao mesmo tempo religiosas e apostólicas, a identidade também deve aparecer com essas duas dimensões e não só com uma de-

las. E se a sua identidade apostólica aparecer como não respondendo mais às necessidades apostólicas do nosso tempo, nos conteúdos e nos modos de evangelizar, essas congregações estão condenadas a desaparecer.

CRIATIVIDADE EXIGE DIFÍCEIS ESCOLHAS E SACRIFÍCIOS

Não apenas a criatividade, mas também a fidelidade exige profundas mudanças nos nossos hábitos e modos de proceder, tanto individuais como comunitários. Exige uma profunda renovação interior, mas também mudanças externas, por exemplo, no nosso estilo de vida pessoal e comunitário, para viver e testemunhar os valores do Reino mediante uma vida despojada e simples e podermos ser assim "contracultura" no mundo materialista e consumista em que vivemos. Não é fácil renovar a vivência do voto, do espírito de pobreza, quando temos, de um lado, jesuítas já idosos e que, em alguns casos, adquiriram certos hábitos e estilos de vida nem sempre condizentes com a nossa pobreza, e, do outro, jesuítas jovens que nasceram e cresceram na sociedade onde o bem-estar material e o consumo de bens sempre mais abundantes e melhores, parecem constituir alguns dos seus principais objetivos. A necessidade dessa renovação no campo da pobreza foi reconhecida quase unanimemente em Loyola.

No caso da criatividade, porém, a essas dificuldades se acrescentam outras, por exemplo de ordem institucional. Os "iconoclastas institucionais", os que anos atrás queriam acabar com todas as grandes obras e instituições que,

segundo eles, não faziam senão reproduzir o "status quo", não parecem ter hoje tanta força. Reconheceu-se que as instituições, como colégios e universidades, oferecem uma grande oportunidade para fazer o bem e a um grande número de pessoas ao mesmo tempo. Não podemos concluir, porém, que essas instituições porque têm um grande potencial para fazer o bem, o façam de fato, ou façam o "bem" que hoje deveria ser feito. Como a instituição também significa poder e o poder não deixa de exercer um certo fascínio, não é fácil avaliar se esse poder está sendo bem o poderia ser melhor usado.

É mais fácil fundar uma instituição do que suprimi-la, mudá-la substancialmente ou passá-la a outras mãos. O argumento de que fechando essas instituições não ganharíamos grande coisa em termos de recursos humanos aptos e que ficariam disponíveis para outras obras, nem sempre considera a imagem que essas instituições, pelo seu tamanho e visibilidade, imprimem a todo o corpo. Por outro lado, criatividade apostólica nem sempre significa que devemos fechar instituições, mas que, pelo menos, devemos adaptá-las para que possam responder melhor a novas necessidades e desafios.

As dificuldades que experimenta a criatividade apostólica nem sempre são de ordem institucional. Em Loyola, por exemplo, apareceu a dificuldade de escolher entre o local, "o provincial", e o mais universal ou mais global. Admitindo que, no espírito inaciano, o trabalho local deve estar sempre aberto ao mais universal e não perde o seu valor por ser local, às vezes devemos optar entre um e outro: sacrificar interesses e necessidades locais para atender interesses e necessidades mais universais. Para Inácio o mais universal, do ponto de vista apostólico, era também o mais "divino".

Em Loyola todos acompanhamos com sumo interesse o que nos foi dito sobre a China, nação de tantas lembranças para nós jesuítas e que hoje conta com mais de um bilhão de pessoas; sobre a Rússia e os nossos esforços para retomar o apostolado naquele país; sobre o Vietnã, nação tão provada nesses últimos decênios; sobre a África, continente hoje marginalizado no cenário mundial, com os seus grandes problemas, com doenças que afetam uma grande parte da população, como aquela da "AIDS"; continente também dilacerado por guerras entre países e etnias. Províncias de diversos continentes, mesmo da América Latina, têm enviado jesuítas a trabalhar nesses países hoje tão necessitados..

Às vezes, porém, é mais fácil reconhecer algumas prioridades "universais" de ordem geográfica, fora da região onde vivemos e trabalhamos, do que, dentro de uma mesma região ou continente, admitir que devemos sacrificar interes-

ses e necessidades locais ou "provinciais" para atender outras comuns a todos e de natureza inter o supra provincial.

Hoje as escolhas se impõem porque devemos enfrentar novos problemas e desafios, responder a necessidades emergentes que nos afetam a todos, superam as forças de uma única Província e exigem a nossa colaboração e ação conjuntas. Quando escolhemos e a escolha é legítima, sempre sacrificamos algo bom por um bem maior. As escolhas geralmente comportam uma certa ruptura da estabilidade e do equilíbrio existentes e por isso são, com freqüência, difíceis e, às vezes, até dolorosas.

Entre os fatores que dificultam as nossas escolhas, um dos mais freqüentes é a falta de objetivos e prioridades comuns que as justifiquem e orientem. Em primeiro lugar, repetindo o que já foi dito, precisamos de objetivos e prioridades no nível universal que possam ser traduzidas em termos continentais ou regionais e possam oferecer a todos os setores do nosso apostolado, a todas as nossas obras e ministérios, um comum denominador que possibilite o intercâmbio, o diálogo e a colaboração entre eles, e também a base para uma ação em comum. Como apontávamos antes, nem sempre os decretos de uma Congregação Geral estão concebidos e redigidos em termos operacionais e são com freqüência de caráter inspirativo. Sem objetivos e prioridades comuns a todas ou a várias Províncias de um determinado continente ou região, também não pode haver nenhuma verdadeira colaboração interprovincial, nem nenhuma ação conjunta entre elas.

É mais fácil unir forças e colaborar quando se trata de necessidades internas que todos experimentamos na própria carne, como, por exemplo, na área da formação dos nossos próprios religiosos, do que quando se trata de necessidades externas e apostólicas. Não é fácil discernir, entre o local e o mais universal, o que é prioritário ou mais importante, mas não podemos negar que existem hoje necessidades supra-provinciais, por exemplo nas áreas social, educacional ou da espiritualidade e no nível do estudo e da pesquisa ou até da formação de lideranças religiosas ou leigas nessas áreas, que exigem recursos humanos qualificados, ou até materiais, dos quais nem sempre uma só Província dispõe e que, mesmo se dispuser deles, poderiam ser melhor

resolvidos mediante a colaboração interprovincial.

A necessidade de escolhas e sacrifícios se apresenta não apenas no nível coletivo e institucional, mas também ao nível pessoal. Com freqüência, por exemplo, é mais gratificante trabalhar no nível local, em contato direto com as pessoas que se beneficiam dos nossos serviços e ministérios, do que trabalhar em níveis que nos afastam desse contato e exigem maior austeridade e desprendimento afetivo. Por esses motivos, como toda criatividade depende das pessoas e das comunidades que deverão exercê-la e assumir suas conseqüências, terminamos por onde começamos: não há fidelidade sem criatividade, mas também não há criatividade sem fidelidade; porém, não uma fidelidade "qualquer".

NEM CRIATIVIDADE, NEM FIDELIDADE, SEM UMA VERDADEIRA EXPERIÊNCIA DE DEUS

A criatividade supõe disponibilidades, individual e coletiva, interior e exterior. Do contrário, se não houver pessoas e comunidades disponíveis para deixar de fazer o que estão fazendo e assumir o que o discernimento nos indica como o que, a partir de agora, deve ser feito, é inútil falar em criatividade. A disponibilidade, à sua vez, exige pessoas livres e bem integradas, tanto do ponto de vista humano, como do ponto de vista da sua vocação religiosa e apostólica. Uma integração que faça de toda a sua vida espiritual e religiosa um apostolado e que permeie o apostolado com a mística religiosa e, no caso dos jesuítas, que os faça "contemplativos"

no meio do mundo e das atividades apostólicas.

Para isso não basta "rezar" ou ser simplesmente e formalmente fiéis aos chamados "exercícios de piedade". Todo superior tem a experiência de religiosos que são formalmente "fiéis", que cumprem à risca as suas "obrigações religiosas", mas estão longe de serem livres e disponíveis, tanto interiormente — isto é, disponíveis nas mãos de Deus — quanto exteriormente, para fazer aquilo que lhes é pedido e que agora aparece como um bem maior, ou para ir ao lugar onde se espera maior fruto. São religiosos que unem uma aparente fidelidade, uma "religiosidade" formal, com uma

grande falta de liberdade cristã. Parecem viver ainda no reino da norma e da lei; com um pé no Antigo e outro no Novo Testamento.

O que verdadeiramente nos integra e nos torna disponíveis é a experiência pessoal de Deus em Jesus Cristo. Esse aspecto foi sublinhado repetidamente em Loyola e apareceu de novo, ainda com mais força, quando, imediatamente depois de Loyola, os Provinciais e Superiores Maiores das Províncias e Regiões da Companhia de Jesus na América Latina, se reuniram, perto

de Loyola, à sombra do castelo de Francisco Xavier, para “traduzir” Loyola em termos latino-americanos.

A experiência de Deus passa necessariamente pela identificação com Jesus Cristo, revelação de Deus, e com o mistério da sua vida, paixão, morte e ressurreição. Sem essa “passagem pas-cal”, não podemos receber o Espírito, nem experimentar e usufruir dos seus dons: a luz, a força e, sobretudo, a liberdade, interior e exterior, para abraçar o novo, para sermos criativos segundo o Espírito.

“ANO ARRUPE” DE RENOVAÇÃO RELIGIOSA E APOSTÓLICA

Conscientes dessa realidade, os Provinciais e Superiores Maiores Jesuítas da América Latina decidiram em Xavier lançar, a partir de 5 de fevereiro de 2001, o “Ano Arrupe”, que seria um ano de renovação religiosa e apostólica para todas as nossas Províncias e Regiões. Esforçar-nos-íamos para nos renovar em profundidade em três áreas. A primeira das quais seria precisamente na área religiosa e espiritual e no que toca à nossa experiência pessoal de Deus, no meio do mundo e da cultura em que vivemos submersos. As outras duas áreas nas quais desejamos nos renovar, também estão muito relacionadas com a criatividade. Seguindo a inspiração de Loyola 2000, decidimos trabalhar para sermos mais fiéis ao espírito de pobreza e simplicidade característico do nosso carisma e sem o qual também não há liberdade, nem disponibilidade, nem criatividade.

Finalmente, queremos, durante esse “Ano Arrupe”, ampliar os nossos horizontes, com frequência muito limitados e até “provincianos”, e abrir-nos às dimensões mais universais do nosso apostolado; às novas necessidades e desafios que o mundo de hoje nos apresenta e que, com frequência, superam os estreitos limites das Províncias e Regiões, das unidades administrativas, dentro de cujas fronteiras trabalhamos.

Esse ano de renovação será inaugurado no dia 5 de fevereiro e será chamado de “Ano Arrupe”, porque nesse dia cumpre-se o 10º aniversário da morte de um jesuíta que foi um exemplo de fidelidade criativa, o Pe. Pedro Arrupe. Como Superior Geral, dedicou todo o seu tempo e energias ao ideal da renovação religiosa e espiritual da Companhia de Jesus, em função da nossa missão apostólica no mundo de hoje. Foi ele que escreveu com frequência

sobre a necessidade de integrar mais estreitamente a Vida Religiosa e apostólica, tendo como base uma experiência pessoal e profunda de Deus, para sermos, como Jesus Cristo, inteiramente disponíveis.

O "Ano Arrupe" coincidirá com a iniciativa da Confederação Latino-americana de Religiosos — CLAR que, na sua Assembléia Geral que teve lugar em Caracas, Venezuela, em junho deste ano, decidiu convocar um "Concílio" da Vida Religiosa na América Latina e no Caribe, sob a lema "Pelo caminho de Emaús". Esse "Con-

cílio", que também seria oficialmente inaugurado no início de fevereiro de 2001 e se prolongaria até 2003, teria como principal objetivo "configurar na fidelidade criativa aos nossos carismas, uma Vida Religiosa que, pela sua fidelidade ao Evangelho, seja mais significativa para a Igreja e o mundo de hoje." Mediante o "Ano Arrupe" queremos nos unir e solidarizar com essa iniciativa da CLAR e trazê-la, como a mesma CLAR nos convidou a fazer, em termos do nosso carisma religioso e apostólico, como membros da Companhia de Jesus.

QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL OU O DEBATE EM COMUNIDADE

1. Você cre que a experiência narrada neste artigo pode inspirar e iluminar sua comunidade (ou província) na busca da refundação? Por que?
2. Que elementos da experiência narrada você considera mais oportunos e esclarecedores na sua realidade?
3. Você e sua comunidade estão motivados para viver o "Concílio" da Vida Religiosa latino-americana a que fomos convocados pelo CLAR?

 Francisco Ivern, SJ – Presidente da Conferência de Provinciais Jesuítas de América Latina (CPAL).

Rua São Clemente, 226 (Casa Anchieta)
22260-000 Rio de Janeiro - RJ

Desafios atuais para a
Desafios atuais para a
Espiritualidade da Libertação
Espiritualidade da Libertação

JOSÉ MARIA VIGIL

INTRODUÇÃO: DOIS MOTIVOS ME LEVAM A REFLETIR SOBRE ESTE TEMA

Quando no começo da década de 90 alguns mais perspicazes mencionaram pela primeira vez a necessidade de uma “mudança de paradigma” — uma expressão que escutamos então pela primeira vez e que “vinha para ficar” —, pareceu que alguns dos que levantavam esta bandeira, o faziam para justificar seu abandono do compromisso com os pobres, a quem, naquela hora muitos, militantes “socialistas” e “revolucionários” até então, começavam a deixar sozinhos, sem protagonismo nem futuro. Entendendo que se tratava de dissimular um abandono — e creio que, na verdade, em muitos casos assim era — houve outros que recusamos aquela pretendida mudança de paradigma para nos manter fiéis aos compromissos fundamentais de nossa espiritualidade da libertação (E. L.), cuja opção evangélica pelos pobres não nos permitia abandonar um paradigma como quem muda simplesmente de camisa para se acomodar a uma nova situação.

Já se passou tempo suficiente desde então para que já se tenha como fato indiscutível e evidente a mudança profunda que se produziu, por uma parte, e para que, por outra, possamos avaliar isso que mudou e colocar nome concreto para os novos desafios com os quais a E.L. vai medir-se agora.

Um segundo motivo. Nestes tempos de crise e — por que não dizer — de abandonos e retratações, não poucos militantes se afastaram da teologia da libertação (TL) e da EL. Com frequência pensamos que se tratava de verdadeiros pecados de infidelidade ao evangelho e à causa dos pobres e em certos casos o foi realmente. Mas também é verdade — isso aparece agora com mais clareza — que, de algum modo, a situação ambiente se configurou como “exatamente contra” ao que a EL tem de mais próprio e substancial. Diríamos que o momento cultural atual é estruturalmente contrário com a própria EL. Em muitos

aspectos, professar hoje a EL é ir diretamente na contra-corrente da plausibilidade social vigente. Muitos dos que a abandonaram simplesmente “não puderam fazer outra coisa”, honradamente não viram outra saída. (Excetquando-se enunciados mais heróicos não se crê no que se quer, mas no que se pode...).

Pois bem, numa situação tão radical, não basta querer superar o problema com simples boa vontade, mas é conveniente medir bem a magnitude do problema e detectar a identidade exata de cada um de seus componentes, para estar capacitado a dar uma resposta “digerida” conscientemente, em vez de se empenhar em uma fidelidade cega e obstinada que não saiba “dar razão de sua esperança”. Ter bem assinaladas as características do problema já é parte da solução.

É isso que me proponho neste estudo: colocar nome concreto para os problemas, elencá-los e trazê-los à luz. Não pretendo resolvê-los nem dar-lhes resposta — se isso fosse possível — neste momento. Interessa-nos somente analisar de um modo particularizado como e em quais campos este contexto atual desafia (dificulta, julga, inviabiliza) a Espiritualidade da Libertação.

Faz-se difícil encontrar uma classificação “clara e distinta” dos fatores da crise, pois todos eles têm aspectos múltiplos mutuamente interligados e pertencem simultaneamente a níveis diversos. Por isso vamos abordá-los simplesmente de um modo sucessivo, sem marcar demais suas delimitações, prioridades ou mútuas relações.

1. DIFICULDADES PROVENIENTES DA CULTURA IDEOLÓGICO-POLÍTICA ATUAL

Um primeiro bloco de dificuldades para com a EL é o fato de que, como disse José Maria Mardones, com frase lapidária, “a caída do Muro de Berlim indica o fim de uma política entendida como promessa de libertação; o fim da visão teológica da política; nós nos encontramos diante do fim do messianismo político e religioso” (*Neoliberalismo y religión*, Verbo Divino, Estella, 1998, p. 45).

Ainda que o que “fracassou” com o Muro de Berlim não tenha sido nada mais que o experimento bolchevique, um a mais na grande história de tenta-

tivas para construir uma sociedade mais fraterna, o caso é que a atmosfera utópica e messiânica, em que todas aquelas tentativas militantes e esperanças se desenvolveram, desapareceu em muitos setores e na sociedade como conjunto cultural. Já não é possível, para muitos, pensar o mundo em coordenadas de transformação histórica e libertação. A consciência de fracasso das tentativas revolucionárias realizadas nos últimos tempos calaram profundamente no subconsciente coletivo da sociedade. Perdeu-se a “inocência idealista”, e a socie-

dade ficou vacinada contra toda proposição utópico — messiânica; o cidadão moderno atual neoliberal se “ruboriza” diante da presença de um utopia messiânico — escatológica, ou sorri benevolmente. Fez-se céptico, pragmático, incrédulo diante das utopias, voltado ao aqui e agora, sem qualquer concessão para devaneios messiânicos.

O “pensamento único” dominante inculca a inviabilidade de toda mudança, a impossibilidade de encontrar uma alternativa, o convencimento de estar “no melhor dos mundos possíveis” no “final da história”, com a conseqüente desesperança por parte dos outrora militantes da transformação social e da libertação dos pobres.

Um dos eixos centrais da EL — como a estrutura central sobre a qual se constrói — é precisamente a leitura que faz da realidade em termos de história, de utopia e de praxe para realizá-la. A EL é um espírito que chama a pessoa para se auto-realizar como sujeito, mediante o compromisso na praxe de transformação histórica de libertação, que quer se inspirar no projeto mesmo de Deus, manifestado na Causa de Jesus, assumida e feita Causa nossa. Isso, evidentemente, choca frontalmente com as dificuldades ideológico-políticas que esta sociedade atual tem com relação ao pensamento e à praxe utópica. É o próprio esquema mental da EL que é contrário à crise da cultura atual.

2. O PÓS-MODERNISMO

Simultaneamente e, vindo sem dúvida de mais longe, ainda que reforçado também por esses fracassos históricos, tanto das tentativas socialistas e revolucionárias como dos mesmos processos revolucionários, difundiu-se amplamente um novo fator, o pós-modernismo, com forte componente de reação decepcionada com o pensamento modernizante, com o qual também se considera que fracassou, não somente porque não trouxe o que suas promessas tanto tempo anunciaram, como também porque trouxe a frustração decepcionante, a desigualdade crescente, a depredação da natureza e

uma forma de civilização estressante e violenta.

O pós-modernismo está “de volta” das grandes visões de conjunto, dos grandes projetos históricos, das utopias e das grandes metas. Não crê neles. Recusa os “grandes relatos”. Refugia-se no fragmento: viver o momento presente (*carpe diem*), renunciando a grandes ideais e projetos históricos, resignando-se a um “pensamento débil” posto que não crê que seja possível outra coisa. A pós-modernidade questiona e ridiculariza a militância, acreditando que ela é não só inviável e sem objetivo no atual contexto histórico, mas também

ridícula e digna de melhor causa. Melhor causa que pode ser, para o pensamento pós-moderno, a crescente valorização do prazer, do corpo, do hedonismo, do gozo estético...

Também esse pós-modernismo está exatamente nas antípodas da EL. Essa tem em si mesma toda a característica de ser uma espírito irmão do pensamento moderno; e não é que ela seja assim por ocidentalismo e por modernismo, mas por herança bíblica, por imitação do Jesus histórico. É, em todo caso, isso sim, um pensamento forte, seguro de si mesmo, com um grande relato (o projeto de Deus, a Causa de Jesus, o Reino!). Por isso, não se pode su-

portar facilmente o pensamento *light* do entorno pós-moderno. Diríamos que em princípio não se pode ser ao mesmo tempo pós-moderno e espiritual da libertação. Como, então, viver e pregar hoje a EL?

A pergunta não é somente com relação a EL, mas ao cristianismo todo porque é o cristianismo inteiro que é um grande relato, "um pensamento forte e uma estrutura lógica de alguma maneira "moderna" (também aqui: não por influência moderna, mas por herança bíblica; talvez o modernismo seja devedor do cristianismo — através do qual teria bebido do pensamento histórico-bíblico — e não o contrário).

3. "DESTRADICIONALIZAÇÃO", RELATIVISMO E CEPTICISMO

Desde um campo menos filosófico e mais sociológico e cultural, um novo fenômeno que analistas e sociólogos, como Giddens, chamam de "destradiconalização" vem aprofundar o mesmo estado de coisas que o pós-modernismo produz, acrescentando-se novos e mais abrangentes elementos de relativismo e cepticismo cultural.

O mundo se mundializou e hoje já todos existimos uns junto com todos os outros pelo bombardeio permanente dos meios de comunicação social, ainda antes que viajemos e caminhemos fisicamente ao encontro dos outros. Hoje, e já desde crianças, observamos, e as culturas, religiões, tradições, folclore, rituais de todos os povos da Terra estão muito

perto de nós. E, ao observar todas essas tradições, torna-se inevitável a comparação com as nossas próprias. A partir desse momento, vamos compreendendo cada uma delas como "umas a mais" entre as muitas que existem na Humanidade, e assim vamos deixando de considerá-las como reflexos da objetividade do real para passar a considerá-las, por nós mesmos, como simples tradições, como construções humanas, queridas e muito nossas, mas despojadas agora desta auréola de justificação que dá o fato de considerá-las em referência a uma ordem objetiva universal indiscutível.

Nesta vizinhança universal exigida, a que nos submete a mundialização diante dos povos, culturas e re-

ligiões do planeta, o “sentido da vida” deixa de ser para nós (para cada povo, para cada sociedade) “o sentido”, passando a ser “um sentido”, um sentido mais entre outros, o sentido concreto em que nós nascemos, o sentido que nos foi dado (ou que construímos). Já não podemos desconhecer que há outros sentidos, e um incontido instinto de realismo nos diz que nenhum deles pode pretender ser “o” sentido, “o único” sentido.

O problema é que, quando o sentido da vida humana é assim descoberto como construção humana, deixa de ser sentido, deixa de ter sentido. As gerações jovens se incorporam à sociedade de um modo essencialmente diferente do modo em que nos iniciamos as 800 gerações anteriores; eles já não nascem nem entram em uma cosmovisão tida como objetiva, certa e indiscutível, mas em um mundo que sabem ser desprovido de toda pretensão de absoluto, de objetividade e de universalidade, carregado de relativismo e também de humildade. Humildade que em muitos casos não é fácil deslindar de um cepticismo latente ou declarado com respeito à existência de uma ordem objetiva, segura e indiscutível.

Assim, o resultado final converge com os enfoques deletérios do pós-modernismo: já não há grandes valores seguros, nem “grandes relatos” que possam se apresentar para nós, nem causas pelas quais valha a pena viver (e morrer! Camus dizia que as grandes causas pelas quais vale a pena viver são precisamente aquelas pelas quais vale a pena também morrer). Para uma so-

ciiedade “destradicionalizada”, já não existem verdadeiramente essas causas, pois elas não são mais que “construções humanas de sentido”, às quais não se quer renunciar para não perder o gozo que proporcionam e para não ficar despidos ante a falta de sentido da vida, — mas às quais tampouco se pode prestar uma adesão vital, cordial, apaixonada, já que tudo nessa “destradicionalização” aparece como sem profundidade, desprovido de consistência objetiva e reduzido à “ilusão de sentido” na qual consiste a vida humana. O relativismo e o cepticismo espreitam de perto.

Essa é, sem dúvida, uma cosmovisão nova, que, para nós que nascemos e nos configuramos como adultos em uma sociedade de tradições fortes, é difícil captar, mas é uma cosmovisão emergente nas novas gerações, que está formando um homem e uma mulher realmente novos, bem diferentes dos “tradicionais”.

A EL é um pensamento forte, um espírito convencido e entusiasmado, uma paixão consciente do que vive e enamorada de causas pelas quais vive e está disposta a morrer, apoiada na grande tradição de Jesus à qual se remete, reivindicando precisamente sua fidelidade e sua imediata proximidade. As gerações jovens — e todos os que de alguma maneira entraram nesta “destradicionalização” — não vão poder assimilar a EL se não ajudamos a fazer uma acomodação de categorias e uma releitura da EL em diálogo com esta nova cultura geracional emergente.

Separadamente, — como logo veremos — resta-nos refletir hermeneu-

ticamente na possibilidade de ser crente "destradicionalizado", como em outros momentos estudamos a possibilidade de ser "crente a-religioso", categorias todas elas aparentemente contradi-

tórias, mas carregadas de possibilidades em sua aparente impossibilidade.

Tudo isso não é algo que ocorre particularmente com a EL, mas com toda espiritualidade e crença religiosa.

4. HEGEMONIA NEOLIBERAL CONSERVADORA

É desnecessário insistir no evidente: a direita, o capital, os poderosos levam a hegemonia neste mundo atual. Costuma-se dizer de muitas maneiras: o neoliberalismo triunfou, estamos em uma revolução da direita, tivemos nestes anos uma avalanche do capital contra o trabalho: A "globalização" financeira mundial, o domínio e o controle que o capital conseguiu articular a nível planetário, até se mover sem qualquer restrição ou imposição tributária e até chegar a ter mais poder que qualquer entidade política ou de outro gênero, seria a expressão simbólica e ao mesmo tempo efetiva desta hegemonia das classes poderosas e endinheiradas.

Não é que somente as idéias socialistas — ou ao menos socializantes — estejam em declínio ou tenham menos adeptos, mas, na opinião pública dominante — a controlada pela classe dominante, a que se expressa pelos grandes meios de comunicação massiva — estão desprestigiadas e com frequência satanizadas. Em muitas ocasiões, os mesmos setores populares pobres reproduzem esse "pensa-

mento único", dominante, hegemônico, de um modo a-crítico e ingênuo, *freirianamente* introjetado como por osmose pelo ambiente. Não é preciso ser marxista para recordar aquelas palavras do Manifesto: "As idéias dominantes de cada época foram sempre as idéias dominantes da classe governante". Não é diferente do que está acontecendo agora.

Não cabe dúvida de que uma "hegemonia" dos poderosos e ricos, na cultura e na opinião pública da sociedade, é um ambiente negativo, de dificuldade acrescentada à dificuldade que a EL carrega em si mesma. Os pobres e seus interesses, com os quais a EL se identifica, são interesses secundários, inclusive antagônicos numa sociedade sob o influxo de tal hegemonia. Os pobres estão excluídos de todo o protagonismo. Corresponde a eles somente deixar-se levar por aqueles que estão capacitados para conduzir a sociedade. Os pobres só podem ser objeto (de misericórdia, de beneficência), mas não sujeitos de sua própria história. Os que cometem a loucura de apostar (optar) pelos pobres optam também por ficar fora

do protagonismo da história, que corresponde aos que detêm a hegemonia ou pactuam com ela.

É mais difícil assimilar e viver a EL nestes tempos da atual hegemonia neoliberal, conservadora e de direitas, do que na sociedade latino-americana de trinta anos atrás. Apesar das ditaduras militares e da repressão, toda ela era um clamor pela justiça, pelas reivindi-

cações sociais, pelas transformações revolucionárias... Esse clamor pela justiça era detentor da "hegemonia" dos pobres na sociedade de então. Abraçar a EL naquela hora não era uma decisão contrária à marcha da sociedade, mas algo que gozava da plausibilidade social mais alta e da aceitação coletiva mais profunda. Hoje sucede o contrário, e a EL não pode ignorar isso.

5. DEPRESSÃO PSICOSSOCIAL

As sociedades têm também sua psicologia. Por mais que nos pareça que somos autônomos e independentes em nossa vida, somos também membros da sociedade e participamos inevitavelmente de seus estados de espírito, altos ou baixos, são ou enfermos, que nos afetam, de um modo ou de outro, com maior ou menor intensidade.

Em outro lugar, sustentei que, concretamente na América Latina dos anos 90, e olhando para ela do lado dos interesses dos pobres, podemos descobrir que entramos há algum tempo numa "noite escura" que, psicologicamente, pode ser explicada, dentro das hipóteses da psicologia condutivista, como depressão. Nossa sociedade latino-americana, como resultado da crise da passagem dos 80 aos 90 — que culminou numa trabalhada história de várias décadas de luta e conflito, de heroísmo e martírio, de esperanças e fracassos —, entrou em uma etapa de depressão psicológica em

muitos setores populares que até então haviam levado o peso da militância e da esperança. Todos os sintomas coletivos evocam a mesma síndrome de depressão individual, com um claro paralelismo. É algo que tratei de mostrar em meu livro *"Aunque es de noche"*.

A EL tem que ser consciente de que ela é contrária a uma depressão psicológica. A EL é paixão, força, criatividade, energia, enamoramento, vida e luta pela causa, tenacidade ("teimosia")... e há de saber, portanto, que em uma situação de depressão coletiva psicossocial, o sujeito social mesmo — e em cada caso também talvez o sujeito individual — está impossibilitado de viver essa espiritualidade com esse espírito.

Será que a EL não é possível em nossa sociedade? Não diria tanto. E a prova dessa possibilidade é que ela existe, nós a apalpamos, há muitos setores que a proclamam e por ela se sentem inspirados e transformados. Direi, no en-

tanto, que numa sociedade na qual essa síndrome depressiva aparece, a EL será duplamente difícil; e deverá contar sempre com essa dificuldade a mais. Talvez deva, inclusive, encontrar formas "light",

ou seja alimento de criança para aqueles que não agüentam o alimento adulto, mas que estão dispostos a responder, a seu modo, ao chamado da esperança, "mesmo que seja noite".

6. A ANIMOSIDADE DA INSTITUIÇÃO ECLESIAÍSTICA

A estas alturas da história, e após as últimas décadas, talvez já não cause espanto — como se isso pudesse ter acontecido em outros tempos — a afirmação de que uma das patologias próprias da Igreja católica é o tema do poder e de sua relação com o carisma, com a profecia, com o compromisso criativo com a libertação dos pobres. Os interesses da instituição não somente são muito poderosos por serem próprios de uma entidade internacional de tal envergadura, mas pela própria estruturação da desigual distribuição jurídica (canônica) do poder dentro da comunidade cristã. A história da Igreja Católica é uma trabalhada história de repressão contra todos os brotos proféticos que surgem em seu seio. Existe um rosto oculto do cristianismo na história dos movimentos proféticos de compromisso com os pobres, de diálogo com a vanguarda profética da sociedade, sufocados e reprimidos pela autoridade eclesiástica, como o deus grego que devora seus próprios filhos, aqueles que mais poderiam devolver-lhe a vitalidade e a criatividade perdida.

A TL e a EL se inscrevem nessa corrente profética que atravessa toda a história. Foram o broto profético que na segunda metade do século XX levou mais

à frente a renovação do cristianismo, o diálogo com a modernidade (da primeira e da segunda ilustração), a volta a suas origens proféticas mais primitivas de compromisso com a justiça e com os pobres. Enquadrada no movimento de reconciliação da Igreja Católica com o mundo contemporâneo, depois da primavera iniciada com o Concílio Vaticano II, imediatamente a esperança foi abortada com o movimento de involução que implementou o cardeal Wojtila, dirigente do grupo de oposição (*coetus minor*) derrotado no Concílio, quando foi nomeado Papa, ajudado pelo teólogo José Ratzinger, que por sua vez modificou profundamente a primeira orientação de sua teologia. A TL e a EL foram atacadas frontalmente — com um afã e persistência digna de melhor causa — mediante a perseguição de agentes de pastoral, o pretendido esquecimento dos mártires, a censura e o silenciamento dos teólogos, a destituição autoritária de autoridades (CLAR, congregações religiosas...), a imposição ao povo de Deus de bispos numa linha conservadora radical em sistemática desestima da própria voz desse mesmo Povo de Deus, a desvalorização progressiva das conferências episcopais até o sufocamento da grande tradição

da Igreja latino-americana, construída em Medellín e Puebla e bloqueada na posição metodológica de Santo Domingo e no centralismo emudecedor do Sínodo para a América em Roma...

Falou-se da Igreja como sociedade "disfuncional", enferma, carregada de medo e carente de coragem para dar respostas novas e criativas que concretamente nestas décadas já não resolve os problemas, mas simplesmente os proroga, repetindo respostas que provavelmente não os resolvem.

Neste contexto tão conhecido, e tão poucas vezes tematizado serenamente — como efeito mesmo do que descrevemos — a TL e a EL não sabem, sabem que, ainda dentro da Igreja, estão em terra estranha, exiladas, clandestinas e perseguidas. Vencidas, mas não conven-

cidas... Este é um desafio real, muito concreto, muito doloroso, quase nunca tematizado. E a pergunta é: como fazer teologia e como viver a EL no seio de uma Igreja que a persegue e que se mostra radicalmente incapacitada para dialogar? Talvez, precisamente por amor à Igreja, a TL e a EL não tenham elaborado praticamente o tema da contenda, a análise desta situação disfuncional e anômala que atravessamos. Mas, sem dúvida, é uma de suas tarefas pendentes e inclusive urgentes, tanto por motivos evangelizadores e missionários, como em atenção a tantos cristãos e cristãs que vivem sinceramente o cristianismo a partir desta ótica libertadora tão genuinamente evangélica e se acham gravemente desconcertados e decepcionados.

7. AS SUSPEITAS CONFIRMADAS

A crise do marxismo fez com que alguns esquecessem muito precipitadamente desenvolvimentos elementares da sociologia da religião que já possuíamos pacificamente.

Não é preciso reviver qualquer extremismo ideológico para se fazer consciente do que já pertence ao acervo popular: a religião sempre tem, ineludivelmente, uma dimensão social e política. Desempenha um papel na sociedade, não pode deixar de desempenhá-lo e tampouco pode subtrair-se ao influxo social, nem pode deixar de ser requisitada pela sociedade para cumprir um papel que atenda os interesses dos que o reclamam.

O quadro atual que os diversos fenômenos da religiosidade compõem se presta facilmente a uma interpretação das diversas funções sociais cumpridas pelos movimentos religiosos majoritários. Um comentarista tão alheio aos interesses eclesiásticos e aos dos pobres e aos da TL, como Huntigton, professor de Harvard, apresentado como *expert* em transformações mundiais, sustenta a tese de que a religião conservadora e fundamentalista é, paradoxalmente, a que melhor se adapta ao mundo moderno da globalização.

A modernidade, diz, está chegando à totalidade do planeta, não quanto ao desenvolvimento humano, lamentavel-

mente, mas nas estruturas de dominação que se fazem presentes em toda parte. Não poucas religiões tentaram um diálogo com a modernidade a nível profundo, com meritorias tentativas de *aggionamento* e reformulação. Mas — diz Huntigton — os resultados não foram favoráveis, e sim perturbadores e desestabilizadores para as grandes religiões como instituições mundiais. Ao contrário, a religiosidade fundamentalista é a que está se revelando como mais conjugável com a modernidade mundializada. Esta religiosidade aceita a modernidade em seus sucessos científico-técnicos e em sua eficácia produtiva, assim como no jogo democrático representativo, já que compatibiliza e combina essa aceitação com uma interpretação fundamentalista clássica, que se nega a toda hermenêutica atualizadora e reafirma o mais tradicional, oferecendo orientação, tranqüilidade, segurança dogmática. Isto é, aceita os sucessos da modernidade, mantendo as vantagens da tradição.

Definitivamente, o fundamentalismo é a religião do presente neoliberal porque é a que melhor resolve as necessidades dos indivíduos submetidos aos traumas da modernidade, já que deixa passagem inteiramente livre para a economia neoliberal de livre mercado, interesse supremo do capital e dos grandes deste mundo. Assim, Huntigton, a quem se pode acusar de qualquer coisa, menos de propensão ao marxismo, interpreta para nós o papel da religiosidade no atual quadro da modernidade neoliberal com base em sua funcionalidade para com o sistema.

É evidente que a TL e a EL são disfuncionais ao sistema. Não somente porque supõem um diálogo em profundidade com a modernidade, que reinterpreta a religião mesma e produz, não poucas vezes, insegurança e desestabilização, mas também porque representam e fazem seus os interesses dos pobres em seu tríplice caráter de sujeito coletivo, conflitivo e alternativo. Tudo isso, realmente, não é nada novo; mas em um tempo em que a hegemonia silencia esses aspectos, é bom recordá-los e retomá-los.

A TL e a EL são uma peça de discórdia e conflito na engrenagem do sistema socioeconômico e, também aqui, poderão sair na frente, somente na contra-mão, “desde o reverso da história”, “com os pobres da terra” e com o “pequeno resto de Israel”, que possa se manter a salvo dos movimentos de massa bem controlados pelo sistema. A EL há de saber que tem diante de si, em contra, todo o sistema da globalização e que só será tolerada enquanto esteja calada. Quando a influência de sua denúncia exceder os limites toleráveis pelo sistema, voltarão a perseguição e o sangue até o martírio. Há de saber também que essa hegemonia neoliberal atravessa a Igreja e que também nela coloca todos os ventos contra os que defendem o Reino de Deus entendido como boa nova para os pobres. É tempo de exílio — na Igreja e no mundo — além de ser permanentemente tempo de êxodo. Hoje, mais que nunca, temos que ser conscientes de que o Senhor não nos chama ao triunfo histórico, mas escatológico...

8. O DESAFIO DO PLURALISMO

Sempre houve na humanidade pluralidade de religiões. O que não houve é o pluralismo, aquele que começa quando as religiões travam contato (em vez de se ignorarem) e estabelecem alguma forma de reconhecimento mútuo e, eventualmente, de colaboração. É uma realidade inevitável num mundo crescentemente unificado como atual. O diálogo, a mútua influência entre as religiões começou já de fato e está em curso na arena da Vida Religiosa da humanidade, ainda antes dos diálogos oficiais das cúpulas de diferentes religiões.

Por sua parte, o tema teológico do pluralismo religioso é reconhecidamente novo, pois "surgiu no tempo de vida da presente geração" (Hick); no entanto, alcançou um desenvolvimento notável sobretudo no mundo anglo-saxão. Atualmente está invadindo — é uma verdadeira irrupção — o campo latino e está fazendo sentir seu desafio em todos os tratados teológicos (sobretudo na cristologia e na eclesiologia), assim como na liturgia, na linguagem, nas categorias... que foram criadas em um modelo exclusivista e ignorante da existência de outras religiões, e que exigem agora que sejam reformulados e adaptados às novas coordenadas.

Há grandes temas mais concretos, ainda que transversais, que experimentaram já uma revisão mais profunda: a própria concepção de revelação, a missão evangelizadora e missionária, a "eleição" do "povo de Deus"...

Também a TL e EL não de enfrentar este desafio. Não podemos pedir que tenham antecipado tudo isso. Vão resistir muito dignamente ao desafio, mas em

todo caso, certamente, devem enfrentá-lo, desenvolvendo ulteriores proposições. Concretamente o macroecumenismo da EL, se bem que em boa parte se tenha antecipado aos questionamentos atuais, pode sem dúvida dar um passo adiante em diálogo com tudo que se elaborou nestes últimos anos em torno deste tema do diálogo religioso.

Podemos dizer sem dúvida que o diálogo e o pluralismo religiosos são "um novo paradigma", um novo esquema de pensamento, um salto qualitativo com o qual todo o universo do pensamento cristão está desafiado a concordar. Até onde nos levará...? É difícil prever, mas aqui temos já, para este início de terceiro milênio, uma tarefa coletiva nova, inexplorada, que, sem dúvida, vai ser apaixonante.

Quero destacar a chamada de atenção que há algum tempo Paul Knitter — um dos mais destacados teóricos dos questionamentos pluralistas — fez sobre a necessidade de que os teólogos do pluralismo religioso dialoguem com os teólogos da libertação. O "novo paradigma" do pluralismo religioso não vai significar um abandono da TL e da EL. Ao contrário, vai pedir que o cristianismo traga ao diálogo inter-religioso o mais nuclear de si mesmo, o que constitui a própria essência do cristianismo, e, nesse campo, ninguém como a TL e a EL têm conseguido se remeter ao mais primitivo da herança bíblica e judeu-cristã. A TL e a EL não vão ser substituídas pela teologia do diálogo religioso, mas vão ser nele continuadas e continuamente convocadas a se incorporar ao diálogo. O caminho prossegue.

Podemos assim chamar a uma crise mais ampla, mais de fundo, mais profunda e mais embaixo de tudo que acabamos de dizer, como uma crise que afeta os cimentos de todo o edifício. Martin Buber a chama de "eclipse de Deus", lembrando-nos a expressão "Deus está morto" de Nietzsche. Juan Bautista Metz a chamou de "crise de Deus", considerando-a o "fato nuclear" que está repercutindo na configuração da pessoa humana moderna. Os traços desta crise de religiosidade atual foram prodigamente descritos pelos comentaristas e sociólogos e não vamos repeti-los aqui.

Na prática, na Europa e na América do Norte, a gravidade da situação adquire níveis dramáticos. Claude Imbert, diretor de "Le Point" fala do "desmoronamento do universo cristão". E. Poulat fala de uma "era pós-cristã", de uma lenta "evaporação do sistema cristão" ou de uma "crise espetacular" que as Igrejas — sobretudo a católica — estão atravessando hoje em dia, e da distância considerável que existe entre a Igreja solenemente convocada por João Paulo II para o jubileu e aquela que cada dia os sociólogos da religião quantificam e analisam. Os números, com efeito, confirmam esta interpretação: nos Países Baixos, por exemplo, no Centro da Europa, a percentagem dos cidadãos que têm ensino superior e declaram não formar parte de nenhuma Igreja passou de 44% em 1970 para 66% atualmente. Se dermos crédito a um estudo recente, 75% dos holandeses esta-

rão fora de qualquer Igreja em 2010. A prática dominical continua em baixa contínua em todos os países europeus, e o catolicismo alemão perde concretamente cada ano cerca de duzentos mil fiéis. Na católica Espanha, José Maria Mardones afirma que "em dez anos, os efetivos eclesiais estarão dizimados, algumas instituições religiosas e dioceses praticamente desaparecerão", e acrescenta: "o pior é que já não há possibilidades de reagir criativamente, cabem apenas medidas reativas e de defesa: fazer uma retirada ordenada e inteligente, com o menor custo possível.

Não pensemos muito precipitadamente em nosso Continente na hora de resolver a crise primeiro-mundista, porque a Igreja Católica do Brasil perde anualmente mais de 500 mil fiéis, que emigram para as Igrejas evangélicas e para novos movimentos religiosos (Lupéau — Michel). No mesmo Brasil, 70% das celebrações dominicais se realizam sem a presença de ministro ordenado.

É lógico que, numa situação assim, a Igreja Católica registre as reações típicas das instituições em perigo ou em crise de esperança, como aquelas às quais aludimos no item 6. É um círculo vicioso que esperamos que seja logo quebrado.

É lógico que, a EL, ao ser uma espiritualidade voltada para o mundo, reinocêntrica, não esteja espontaneamente inclinada a se ocupar do intra-eclésiástico. A isso acrescenta-se um sentimento como de pudor e de pena; preferiríamos que tudo isso não fosse reali-

dade e, por ser desagradável, tende-se a pensar que é melhor construir positivamente o Reino fora do que discutir a problemática interna dentro...

Mas toda essa situação de mal-estar e de desconforto é algo cujo enfrentamento a TL e a EL não podem continuar adiando. Os muitos cristãos

e cristãs desorientados e decepcionados merecem uma palavra. A gravidade da situação também merece uma abordagem urgente, humilde, mas nada tímida. A libertação integral que a TL e a EL proclamam inclui a libertação da desesperança e da crise de futuro que esta situação está gerando.

10. UM NOVO TEMPO AXIAL?

Dispostos a ir até o fundo na análise da crise em curso, devemos tomar consciência das múltiplas vozes que repetem uma e outra vez que estamos em uma "mudança de época", muito mais profunda do que se poderia imaginar. Cada vez é mais freqüente a lembrança da mutação civilizacional que Jaspers denominou de "mudança do tempo eixo", que abarcou aproximadamente uns 500 anos, entre 800 e 200 a.C., e que introduziu na consciência humana uma ruptura radical, a partir da qual se operou uma profunda inflexão no curso da história e da civilização tal como as conhecemos hoje em dia (Carlos Palácio).

A secularização, entendida como esse processo que começou na idade moderna, não é a causa última da crise que experimentamos. Para Pánikar, a secularidade atual indicaria que "o passado período de 6.000 anos está sendo substituído progressivamente por outras formas de consciência. No meu entender, a consciência histórica, ou o mito da história, começou a ser substituído Kairológicamente (não cronologicamente) pela consciência trans-

histórica. Talvez estejamos enfrentando outro "período axial".

Tudo parece abonar a hipótese de que nossa época está vivendo uma mudança religiosa que não se esgota na reelaboração da tradição, como ocorreu permanentemente ao longo da história religiosa da humanidade, mas que autorizaria a afirmação de que se trata de uma mudança no próprio horizonte em que se inscrevem as tradições e no sentido que lhes é atribuído. Isto é, forçaria a reconhecer uma verdadeira "metamorfose do sagrado" (J. Martin Velasco).

Acontece uma crise das crenças, uma progressiva emancipação dos crentes com respeito à ortodoxia vigente nas Igrejas, abandonam-se as práticas religiosas, distanciam-se os fiéis da moral oficial, dilui-se o sentimento de ser propriedade da instituição, produz-se uma regulação individual do sistema religioso (uma "religião de escolha")... A crise da religião nos países ocidentais de tradição cristã é um fato unanimemente reconhecido. E, afortunadamente, cada vez se é mais consciente da en-

vergadura e da profundidade epocal que a crise tem...

A crise é, então, maior e mais profunda do que se poderia imaginar à primeira vista. Não é nossa, não é da TL e da EL. Transborda inteiramente, é impossível abarcá-la. Nós a sofremos, estamos no meio dela, como ocorre com todos os outros. Convém sermos conscientes disso para não desanimar nem culpabilizar-nos indevidamente. A própria crise precisa de ser sistematizada como um novo Kairós moderno, uma oportunidade de reformular, de reinterpretar, de recriar inclusive toda a religiosidade em diálogo com a situação do homem e da mulher modernos.

A TL e a EL, em vez de colaborar para acender uma luz.

Perguntamo-nos: será que a TL e a EL, com o que significaram no momento de sua irrupção na terceira parte do século XX, eram precisamente uma tentativa positiva e original de recriação ("refundação" é o nome usado agora) do cristianismo, que respondia a essa necessidade epocal de repensar tudo de cima até embaixo? Acreditamos que sim, acreditamos que, apesar de perseguidas e difamadas, a EL e a TL serão os pontos mais avançados do cristianismo, que ajudarão a atravessar a crise com credibilidade e com criatividade.

QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL OU O DEBATE EM COMUNIDADE

1. Como estamos como religiosos/as, especialistas em Deus, no dizer de Paulo VI, diante de todos estes desafios da espiritualidade da libertação?
2. Temos lido ou ouvido falar em nossa comunidade de renovada opção pelos pobres em contexto neoliberal? de teologia do pluralismo religioso? Quanto temos estudado ou simplesmente escutado sobre a metamorfose atual do religioso em comparação com a crise do tempo axial, que Jaspers situa no século VII A.C.?
3. Esses temas estão na agenda de nossa formação permanente, pessoal ou comunitária? Que preocupação lhe dedicam nossas congregações como entidades globalmente responsáveis? As congregações que se dizem missionárias estão preocupadas em ajudar e enfrentar estes fenômenos que indicam como será o futuro ou estão simplesmente tapando os buracos de um sistema já decadente, destinado a morrer?

 José Maria Vigil. Teólogo espanhol, residente na América Central.

Endereço eletrônico: vigil@claret.or

Comunidade Mista,
Comunidade Mista,

Multidimensional e Itinerante!
Multidimensional e Itinerante?!

História de uma Pequena Experiência
História de uma Pequena Experiência

IR. ARIZETE MIRANDA, CSA E PE. FERNANDO LÓPEZ, SJ, MEMBROS DA EQUIPE ITINERANTE

Quando a revista *Convergência* nos pediu para colaborarmos com algumas reflexões sobre *"Missão Itinerante, intercongregacionalidade e parceria com os leigos"*, primeiro pensamos em não aceitar o convite devido a nossa experiência estar muito no início... Depois, refletindo, chegamos à conclusão de que, talvez, o mais interessante seria partilhar com simplicidade o processo de busca, discernimento e construção coletiva que fomos vivendo, aceitando as muitas interrogações e desafios que continuam abertos até hoje.

Talvez um questionamento inicial nos ajude a situar melhor o tema proposto. Dos três tópicos sugeridos pela *Convergência*, sentimos que nossa experiência identifica-se com *"missão itinerante e intercongregacionalidade"*. Porém, não nos identificamos com a idéia de *"parceria com os leigos"*. O termo *parceria* aplicado aos leigos/as nos parece pobre. Nossos questionamentos e discernimento tentam avançar um pouco mais.

É possível que distintas congregações, masculinas e femininas, leigos e leigas se juntem em comunidade para o serviço do Reino numa missão itinerante? É possível partilhar fé, vida e missão itinerante numa comunidade como essa? Para anunciar o Reino e sua Justiça aos pequenos da Amazônia, é uma mediação válida e efetiva uma *comunidade mista, multidimensional e itinerante*? É ela uma "insinuação" ou "sinal dos tempos", entre outros sinais, que o Espírito está alentando para respondermos hoje, como igreja, aos novos desafios da história? Essas continuam sendo hoje nossas próprias perguntas.

1.1. Os membros

Dez pessoas integraram a Equipe Itinerante e Comunidade Itinerante ao longo do ano 2000: Cláudia Pereira (31), leiga do RS enviada por o projeto missionários da CNBB-Sul 3. Arizete Miranda (41), irmã Cônega de Santo Agostinho, do AM. Odila Gaviraghi (48), irmã Filha do Sagrado Coração de Jesus, do RS. Paulo Sérgio Vaillant (39), padre jesuíta do ES. Fernando López (40), padre jesuíta da província do Paraguai. Paco Almenar (51), padre jesuíta da Espanha. Tadeu Moraes (20), leigo da Ilha do Marajó, PA. Luzia Bongiovani (60), irmã da Imaculada Conceição, do ES. Bernadete da Silva (45), irmã Cônega de Santo Agostinho, de SP. Evandro Araújo (33), padre franciscano OFM do MA. Alguns desses companheiros/as vieram para fazer uma experiência e discernir o posterior engajamento deles /as e de suas congregações no Projeto da Equipe Itinerante.

1.2. A missão itinerante

Três sujeitos da missão. A partir do ano 1998 se conseguiu definir melhor os sujeitos de nossa missão itinerante. Três grupos foram identificados como prioritários: os *indígenas*, moradores ancestrais destas terras que, hoje, continuam sendo os últimos entre os últimos; os *ribeirinhos*, "caboclos", dispersos pelas ribeiras da imensa rede fluvial da amazônia, isolados e um pouco esquecidos por todos; os *marginalizados urbanos* das periferias e invasões, que chegam do interior para tentar sor-

te na cidade e acabam engrossando as "margens".

Esses três sujeitos sociais estão profundamente interrelacionados aqui na Amazônia. Muitos marginalizados urbanos eram ribeirinhos no interior. Muitos ribeirinhos são indígenas que já não reconhecem suas raízes ou escondem sua identidade. Muitos marginalizados urbanos são indígenas que abandonaram suas malocas e vieram diretamente para a cidade, escondendo também sua identidade e sumindo no meio da massa. Por fim, temos o grupo dos indígenas que foram já ribeirinhos e hoje vivem nas periferias urbanas.

Três sub-equipes de trabalho. Para acompanhar e responder melhor a esses sujeitos sociais nos organizamos em três sub-equipes: 1) Ribeirinha, Paulo Sérgio, Odila e Paco. 2) Marginalizados Urbanos, Cláudia e Evandro. 3) Indigenista, Arizete e Fernando. Essas três sub-equipes articulam-se entre si para refletir e iluminar, a partir das experiências, as distintas realidades. Para esse processo de análise e reflexão sobre a práxis, buscamos ajuda e assessoria de profissionais competentes e afinados com a causa dos pobres.

Priorizando os campos de missão. Os três grupos focalizados são muito amplos, por isso, aos poucos, as sub-equipes foram conhecendo, identificando e priorizando os campos de missão a serem acompanhados periodicamente.

Trabalho em parceria com outros grupos, organizações ou instituições: Conferência Nacional dos Bispos do Brasil

(CNBB), Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB), Comissão Pastoral da Terra (CPT), Conselho Indigenista Missionário (CIMI), Comissão de Direitos Humanos (CDH), Centro Ecumênico de Estudos Bíblico (CEBI), pastorais sociais, sindicatos, movimentos populares e organizações de base, etc.

Serviços de apoio ao trabalho dos outros. Tendo em conta que a orientação fundamental da Equipe é apoiar os trabalhos dos outros, poderíamos resumir em 4 tipos fundamentais de serviços prestados:

1. *Presença solidária e gratuita* junto aos mais pobres, excluídos e esquecidos. Prioritariamente queremos apoiar aquelas áreas que são menos atendidas nas diocese e regiões.
2. *Apoiar em assessorias e formação*, prioritariamente, aos grupos e organizações de base; ocasionalmente a outros setores e grupos.
3. *Investir na reflexão sobre a práxis* para analisar e compreender melhor a complexidade da realidade e dar nossa pequena contribuição na busca de saídas e soluções aos problemas e desafios apresentados pelos próprios sujeitos.
4. *Intercambiar e dar a conhecer as experiências e reflexões*, por meio de relatórios devolvidos aos grupos e organizações de base, enviando pequenos artigos e entrevistas às revistas e jornais. Facilitar o intercâmbio de experiências e reflexões enriquece e ilumina as caminhadas locais.

Hoje, continuamos nesse processo de construção. Aos poucos, vamos definindo e priorizando melhor os sujei-

tos, os objetivos e conteúdos, a metodologia, as áreas atendidas e, também, consolidando a Equipe e as sub-equipes.

1.3. A comunidade itinerante

Nossa comunidade inserida é o lugar de moradia quando estamos em Manaus. A comunidade, de nome *Trindade*, está situada num beco do Jardim dos Barrés, bairro popular nas margens do "Igarapé do Franco". São três casas pequenas de madeira sobre a água (palafitas); uma ao lado da outra. Numa residem as mulheres, noutra os homens e, na terceira, funciona a cozinha-refeitório e a capela-sala de encontros. As casas são semelhantes às demais residências vizinhas.

A área é pública e de risco pela proximidade do igarapé poluído, pela forte correnteza e inundações periódicas que chegam com as chuvas. As construções são de madeira rústica com cobertura de alumínio ou amianto. Possuem frágeis trancas nas portas e janelas. Ninguém tem documento oficial, nem do terreno nem da casa. Água e luz são "gato". O lugar é conhecido como uma das "bocas de fumo" importantes de Manaus.

Vida de comunidade. Independente do número de membros presentes, nos reunimos duas vezes por semana para rezar e duas para a eucaristia. Quem está itinerando, dentro do possível, mantém o mesmo ritmo e sintonia espiritual. As orações e celebrações são abertas aos vizinhos e hóspedes. A comunidade está sempre aberta para hospedar qualquer pessoa sem distinção. Temos criado laços de fraternidade e solidariedade entre nós e com as famílias vizinhas.

Os membros da comunidade são responsáveis pela lavagem da roupa, preparação da comida, manutenção da casa e utensílios comuns. Procuramos ser solidários nessas tarefas, em função dos dons e carismas pessoais.

1.4. Recursos econômicos e materiais

A **manutenção da missão e da comunidade** é com as contribuições dos membros. Três salários mínimos por pessoa é a proposta, porém, cada um contribui de acordo com suas possibilidades. Tudo vai numa caixa comum. Um salário mínimo por pessoa é reservado para a vida de comunidade e dois salários mínimos são destinados para a missão. Dentro do possível, tentamos viver com o mínimo e necessário para cada dia e para a missão. Desse orçamento procuramos partilhar com quem precisa mais.

Contamos com um pequeno escritório, com equipamento básico, para trabalhar quando estamos em Manaus.

O escritório fica a uns 20 minutos a pé da comunidade.

Organização interna. Atualmente os membros da Equipe Itinerante e da Comunidade Itinerante coincidem. Para facilitar o bom funcionamento da missão e da comunidade, existem três serviços gerais: *coordenação*, Paco; *tesouraria da missão*, Odila; *tesouraria da comunidade e secretária*, Cláudia. As pessoas que prestam esses serviços são escolhidas entre todos.

Temos cinco encontros anuais (de 7 a 10 dias por encontro) para articular melhor as três sub-equipes, em matéria de convivência, espiritualidade, formação específica e reflexão sobre a práxis.

"Comunidade em dispersão". Considerando que somos "comunidade em dispersão" para a missão, nos esforçamos, na medida do possível, para nos manter em contato como comunidade. O equilíbrio entre comunidade e itinerância é um dos principais desafios... Aos poucos, vamos aprendendo.

2. UM POUCO DE NOSSA HISTÓRIA

Muitas vezes, conhecer a gênese de um processo ajuda a "cair na real" e desmitificar um determinado fato, a perder o medo e iniciar a caminhada... A história ajuda também a compreender melhor como o Espírito foi agindo através das luzes e intuições, dos acertos e erros que foram surgindo no caminho, na busca e no discernimento de como responder aos apelos do povo, apelos de Deus, aqui na Amazônia.

Em Maio de 1995 foi constituído o Distrito dos Jesuítas da Amazônia (DIA) como concreção de um velho desejo de repensar e fortalecer a presença e o serviço da Companhia no Norte, a partir dos desafios, apelos e interesses do povo da região. No primeiro rascunho do projeto (1994), apresentava entre os objetivos específicos: *"favorecer, desde o início, um trabalho em colaboração com leigos/as, assessorar os setores*

mais marginalizados, apoiar movimentos populares e colaborar com entidades que trabalham na realidade local em contato direto com o povo, formação de agentes locais...".

A 1ª versão do Projeto de Itinerância (Junho 1996) foi inspirada na mobilidade dos primeiros jesuítas (sec. XVII) que trabalharam, na missão do "Grão Pará", itinerando pelas aldeias indígenas desta imensa região amazônica. O nome amplo do primeiro rascunho foi "Projeto de Itinerância". Neste período não foi possível realizá-lo, mas a reflexão continuou e alguns jesuítas fizeram experiências concretas de itinerância entrando em contato com pessoas e entidades de distintas regiões.

"Equipe Itinerante, tentando concretizar para 1998". Depois do I Encontro do DIA se concretizou a 2ª versão do projeto com o nome de "Equipe Itinerante". Começou no fim de 1997, em Manaus, com dois jesuítas, Albano Ternus que chegou a Manaus em 1977 e Paulo Sérgio Vaillant em dezembro de 1997. Eles visitam periodicamente algumas comunidades do interior e da periferia urbana, para conhecer, articular informações, apoiar, animar, avaliar o trabalho local, confirmando na fé os/as irmãos/as das comunidades.

No II Encontro do DIA (Janeiro 1998), aprofunda-se o sentido da itinerância: "Não deve consistir unicamente numa disponibilidade geográfica, procurando nos deslocar para visitar pessoas e trabalhos mais afastados. Trata-se de uma mobilidade necessária para todos os nossos trabalhos, que significa uma aproximação gratuita,

uma escuta profunda dos outros, a valorização da sabedoria do povo, a solidariedade com os mais pobres, o esforço para chegar ao cotidiano da vida das pessoas ou, como dizia o Pe. Geral Kolvenbach SJ: estar outra vez como os primeiros jesuítas na estrada (nos rios), no centro das nossas cidades, para decifrar no mesmo coração da existência das pessoas os sinais dos tempos, os sinais da ação do Espírito". No encontro se avançou também na reflexão e no desejo de uma maior "solidariedade com o povo, especialmente com os mais pobres, de uma missão mais ampla a serviço da iniciativa dos outros e inseridos em seu mundo, de uma maior inculturação...".

Dois novos membros (1998): o Pe. Fernando López SJ (Out.) e a Ir. Arizete Miranda Dinelly CSA (Cônegas de Santo Agostinho) (Nov.). Eles começam os contatos da Equipe com o mundo indígena. A Ir. Arizete seria liberada a tempo completo para a Equipe no ano 2000; durante 1999 apoiaria parcialmente a equipe participando só em algumas itinerâncias.

A 3ª versão do Projeto (Março 1999) é elaborada entre Albano, Paulo Sérgio, Arizete e Fernando. Nela se conseguiu definir de um modo mais claro os três sujeitos específicos do Projeto (Ribeirinhos, Marginalizados Urbanos e Indígenas) e a inter-relação profunda que existia entre eles. Se viu também a necessidade de criar uma sub-equipe com leigos/as, religiosos/as e padres, para cada um desses destinatários. As três sub-equipes devem estar bem articuladas entre si. Na 3ª versão se formulou a

Proposta de Comunidade Itinerante, a partir das experiências que os membros da equipe tinham de comunidade inserida entre os pobres e de comunidade com leigos/as e intercongregacional.

Em março de 1999 se iniciou um pequeno escritório para a Equipe na sede do DIA. Ao longo deste ano, Albano trabalhou em algumas ocupações das periferias de Manaus. Paulo Sérgio visitou diversos municípios, dioceses e paróquias do interior. Fernando e Arizete iniciaram contatos com distintas realidades indígenas do Rio Negro, Roraima e Médio Amazonas, com o CIMI (Conselho Indigenista Missionário) e com distintas organizações indígenas, para conhecer as necessidades prioritárias e ver como ir concretizando nossa pequena contribuição e apoio às mesmas. Ao longo do ano se enviou o projeto da Equipe Itinerante a várias pessoas, grupos e instituições.

Novos membros e Comunidade Itinerante (1999-2000). Em novembro de 1999 o Pe. Paco se junta à equipe. Em dezembro o Pe. Albano sai da equipe para assumir a paróquia Mãe da Misericórdia da Compensa II, Manaus. Em dezembro chegou Tadeu (leigo) para alguns meses de experiência. Em janeiro de 2000 chegaram a Ir. Odila e Cláudia (leiga). Em março, a Ir. Luzia e a Ir. Bernadete, ambas para uma experiência curta. Por fim, em junho, chegou o Fr. Evandro para uma experiência de cinco meses.

A 4ª versão do Projeto se elaborou no primeiro encontro da Equipe de 2000 (9-12/02). Nesse encontro houve partilha de vida e oração. Se aprofundou e

revisou o Projeto. Uma boa parte do tempo se dedicou a refletir e concretizar o tema da residência inserida para a comunidade itinerante. E se fez o planejamento do ano.

Casa para a Comunidade Itinerante (Fevereiro 2000). No final de 1998 já vínhamos refletindo sobre a possibilidade de ter uma residência simples para aqueles membros da equipe itinerante que quisessem viver em comunidade. Na 3ª versão do Projeto (Março 1999) se incorporou esta intuição. Em novembro de 1999, Paulo Sérgio, Paco, Arizete e Fernando buscaram uma casinha na área de palafitas do igarapé da Compensa II, perto da casa inserida das Cônegas de Santo Agostinho. Depois de ter acertado com uma família a compra para o dia 20/12, quando chegou a data, o proprietário adiou a venda. Foi providencial! Neste meio tempo, as Cônegas se reorganizaram e enviaram a Ir. Arizete para fazer parte, a tempo completo, da Equipe e Comunidade Itinerante em um outro bairro com menor presença religiosa que a Compensa. A Ir. Yolanda Setúbal, companheira da Ir. Arizete, acolhe, em janeiro e fevereiro de 2000, as duas missionárias do Sul, Odila e Cláudia, que chegavam para equipe. Ao longo de dezembro de 1999, janeiro e fevereiro de 2000, continuamos buscando casas nos bairros: Matinha, Cachoeirinha, São Jorge, São Raimundo, Glória e Jardim dos Barés. No dia 12 de Fevereiro fomos juntos ver a proposta do Jardim dos Barés encontrada por Paulo Sérgio, o consenso dos seis membros da equipe presentes foi unânime. Era realmente o que queríamos. No final de fevereiro, graças a Deus, nos mudamos.

3. ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE NOSSA MISSÃO ITINERANTE

3.1. Motivações e fundamentos

Jesus, missionário itinerante. O fundamento último da itinerância está na própria pessoa de Jesus que, em comunidade mista (Lc 8,1-3), percorria os povoados e aldeias anunciando a boa nova aos pobres (Mt 9,35-38).

Desigualdades e evangelização na América?! Ao abrir o Sínodo dos Bispos para América, o Papa levantou a questão das diferenças sociais, perguntando sobre as causas desta situação: *“Em que medida elas têm suas raízes na história dos últimos cinco séculos? Até que ponto são um legado da colonização? Que influência teve a primeira evangelização?”*

Presença solidária e gratuita. Na atual fase do capitalismo neoliberal, onde a produtividade e o mercado impõem sua lei, é importante fortalecer os valores de solidariedade e gratuidade, em um mundo onde tudo tem um preço. Presença solidária e gratuita que estimule o sentido de uma vida sóbria e de uma beleza simples, que fomente o silêncio interior e a busca dos bens do espírito, que fortaleça a liberdade responsável, que anime a prática da solidariedade para a transformação profunda do coração humano e das estruturas de injustiça. Essa é uma orientação importante para a Equipe, sobretudo na vivência da gratuidade e solidariedade com os mais pobres; na escuta dos setores marginalizados, valorizando sua sabedoria e a opinião das pessoas comuns.

O compromisso com a justiça é condição de credibilidade da fé em uma

realidade de marginalização e exclusão generalizada. Com uma presença pastoral mais integral, centrada na realização do Reino e sua Justiça, damos testemunho de uma maneira diferente de agir e viver, da presença de um Deus amante e libertador dos pequenos.

Presença leve: Igreja das tendas, dos caminhos, dos rios... O documento dos bispos da Região Norte, *“A Igreja se faz carne e arma sua tenda na Amazônia”*, dá importantes orientações para a Equipe. O título já indica uma perspectiva de itinerância, de leveza, de provisoriedade, de migrantes, como a situação do povo. É um documento que orienta um rumo pastoral qualitativamente novo, do leigo/a como protagonista da missão e do clero e da vida religiosa como servidores da mesma missão.

3.2. Algumas necessidades sentidas

A importância do interior da Amazônia onde vivem os 20% ou mais da população: extrativistas, ribeirinhos, pequenos proprietários, posseiros, povos indígenas, pequenos produtores. Eles são parte do setor mais fragilizado, explorado e desprezado da Amazônia. Isto exige uma evangelização que assuma como eixo o problema da justiça.

A dispersão dos setores mais empobrecidos da Amazônia é devida também às condições meio-ambientais, de produtividade e sustentabilidade da região. A população está obrigada a dispersar-se em pequenos aldeamentos ao longo dos rios e igarapés. As grandes

distâncias impedem o congressamento destes povos e exigem o deslocamento do agente de pastoral.

O isolamento das comunidades e de muitos agentes de pastoral (padres, irmãos/os e leigos/as), às vezes desanimados/as, que pedem visitas periódicas de animação e apoio nos trabalhos.

Muitos são os pedidos de formação e assessorias várias das igrejas e organizações locais. Parece ser importante uma avaliação mais local, que ajude no aprofundamento e no avanço dos trabalhos; animar a trabalhar em equipe e com espírito de equipe para a formação de equipes pastorais com agentes locais.

Articulação entre práxis e teoria.

No âmbito pastoral, pareceria que faltam pessoas que saibam articular prática e teoria. A itinerância poderia ajudar nesta articulação pelo fato de entrar em contato direto com muitas experiências locais.

3.3. Objetivos gerais da Equipe Itinerante

A) Presença solidária e gratuita, assessorias e formação. Ter uma presença solidária e gratuita junto aos mais pobres e excluídos, conhecer, escutar seus clamores, apoiar suas lutas e caminhadas, articular, reforçar, animar, refletir, assessorar, ajudar na formação de agentes locais, avaliar o trabalho local desenvolvido pelas comunidades, organizações de base e movimentos populares, da igreja, da sociedade, dos povos indígenas, do interior e da cidade. Para isso é necessário visitar periodicamente as comunidades.

B) Reflexão sobre a práxis e comunicação das experiências. Refletir com intelectuais e entidades, afinados com a causa dos pobres, para aprofundar novos caminhos em benefício do interior e da cidade, das comunidades ribeirinhas e das periferias, dos povos indígenas, a partir de perspectivas diversas (cultural, sociopolítica, econômica...). Facilitar a partilha do conhecimento, a devolução e intercâmbio dessas reflexões e experiências, por meio de relatórios, entrevistas e artigos divulgados através de pequenas revistas e jornais.

3.4. Alguns pontos metodológicos

Presença pastoral "diferenciada".

Hoje se tem avançado muito no processo de educação diferenciada, saúde diferenciada, auto-sustentação diferenciada, etc. O conceito de "diferenciação" tem ajudado a assumir e respeitar a riqueza da diversidade e diferença cultural dos povos. No âmbito religioso e da pastoral, a "diferenciação" deve ser profundamente considerada para encontrar novos caminhos. A pergunta fundamental é: Em uma determinada comunidade, nossa presença pastoral é diferenciada em relação a outra comunidade distinta daquela? Em quem é e em quem não é diferenciada? A presença pastoral diferenciada não é uma atitude de arrogância, esnobismo ou protagonismo, mas sim uma tentativa sincera e profunda de descobrir e respeitar a particularidade da presença de Deus em cada povo ("Sementes do Verbo"), para aprender e discernir com eles os "sinais dos tempos" e os caminhos a percorrer.

“No ritmo da canoa”. Queremos realizar a itinerância remando, navegando e caminhando como caminha, rema e navega o povo, com suas qualidades e limitações, com seus avanços, estancamentos e, às vezes, até retrocessos; mas sempre a caminho e com esperança. É fundamental caminhar no “passo do povo”, no “ritmo da canoa”, nem atrás e nem à frente, mas ao lado. Ser companheiros de caminhada, em irmandade e escuta atenta a seus anseios mais profundos.

Busca de caminhos novos e não soluções pré-fabricadas. Não se trata de levar “uma solução pré-fabricada que, indo a um supermercado, é possível tirar de uma estante; não um modelo único para copiar e repetir; mas uma busca incessante de caminhos para enfrentar os grandes problemas, respeitando sua complexidade e resistindo à tentação de reduzi-los todos a respostas fáceis, quer dizer, ideológicas, e buscar pacientemente soluções...¹.

Práxis e teoria, os dois remos da canoa. A reflexão sobre a práxis, articular práxis e teoria é indispensável. Assim como uma canoa, para avançar no rumo certo e chegar ao lugar desejado, precisa dos dois remos sincronizados, assim também, teoria e práxis precisam se articular continuamente nesta caminhada. Na práxis, é preciso olhar com o coração no contato direto com as pessoas e os acontecimentos no cotidiano. Na teoria se vê com a razão, se faz necessário um relativo distanciamento, para a compreensão conceitual das dis-

tintas realidades e assim poder iluminar a caminhada.

Sair, itinerar, ir ao encontro: visitas periódicas. É necessário sair, itinerar para fora de si mesmo, de nossa visão das coisas, de nossas instituições e dos grandes centros. Sair de si para ir ao encontro do outro, empobrecido e marginalizado. Isso exige, de algum modo, marginalizar-se, empobrecer-se e excluir-se, em uma palavra, encarnar-se. Priorizadas as realidades mais necessitadas e definidos os trabalhos a apoiar, é necessário combinar com os grupos locais a periodicidade do acompanhamento e os conteúdos da formação.

Itinerar é entrar nas “feridas da História”, estar disponível para fazer-se presente, solidária e eficazmente, onde a vida e a morte disputam o espaço, onde o conflito ameaça a vida do povo, nas encruzilhadas e fronteiras da história. Itinerar exige *“estar com quem ninguém quer estar; estar onde ninguém quer estar; estar como ninguém quer estar”*.

Ouvir mais que falar e fazer. Dar atenção, ouvir e ser solidário/a com os/as que não conseguem, sequer, caminhar no “ritmo da canoa”, que na maioria dos casos, nem “canoa” possuem; com as pessoas que não fazem parte e nem estão ligados/as a nenhuma religião, igreja ou qualquer outra instituição, associação ou movimento organizado. Com estes, principalmente, queremos partilhar o caminho e a sorte.

O diálogo como caminho. Parece que em nossos dias temos conseguido re-

1. Palavras do Cardeal Giordani no Congresso sobre o Apostolado Social da Companhia, Nápoles, 1997.

conhecer melhor a importância do diálogo para a construção de um mundo pluralista, onde a unidade se constrói a partir da diversidade e não impondo a uniformidade. A diversidade é riqueza, é espelho da própria natureza da Trindade. O diálogo interpessoal, intercultural e inter-religioso, é o caminho para a construção desse mundo novo. O diálogo sincero nos ajuda a ter uma atitude mais humilde de escuta e de busca conjunta do Reino de Deus, já presente no meio dos pequenos.

Acreditar na força dos pequenos, na união dos fracos e de suas tenras e frágeis iniciativas populares, muitas vezes enraizadas na tradição cultural de cada povo. Apoiar e valorizar as pequenas formas de organização e iniciativas originais de resistência e sobrevivência cotidiana, que caminham, muitas vezes, paralelas aos grandes projetos governamentais.

Tecer uma rede de parcerias entre os grupos de base e com os movimentos organizados da sociedade, igrejas, ONGs e intelectuais afinados com a causa da justiça e da preservação da vida na Amazônia.

Fortalecer o trabalho em equipe e de equipe. Na equipe itinerante procuramos aprender a trabalhar em equipe a partir de nossa diversidade de carismas e vocações. Essa mesma experiência tentamos transmiti-la onde vamos em missão, ajudando a formar equipes de trabalho e a trabalhar em equipe. Tentando superar uma forte tendência de trabalho voluntarista e individualista, herança da formação eclesial do passado que formava "missionários heróis", muito admiráveis, porém, pouco imitáveis.

Registrar a memória e comunicá-la é muito importante. Registrar por escrito (relatório) e visualmente (fotografia) essa história "não oficial" do povo. Recolher a própria fala do povo, que está prenhe de sentido, resistência e força. Anotar também nossa percepção de tudo que vemos, ouvimos e falamos, para que possa se tornar matéria de estudo e reflexão do próprio povo, da equipe e dos outros, para compreender melhor a realidade e encontrar novos caminhos que valorizem a vida.

4. ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE A COMUNIDADE ITINERANTE

4.1. Motivações e fundamentos

Jesus formou uma comunidade itinerante. O Antigo Testamento conta o processo pelo qual Deus, da diversidade de pessoas e grupos, vai formando o seu povo. No Novo Testamento, Jesus chama um grupo de homens e mulheres para estar com Ele e compartilhar sua missão. Nos três últimos anos de sua vi-

da, uma de suas ocupações fundamentais foi a formação de uma comunidade de discípulos/as (Lc 8,1-3). Jesus os/as ama, os/as chama e os/as envia a anunciar a Boa Nova do Reino; eles/as se abrem agradecidos a esse amor de Jesus, escutam com disponibilidade o chamado e respondem com generosidade e prontidão ao envio. Assim, também, to-

dos os fundadores/as de congregações, juntaram um grupo de companheiros/as para levar para frente a missão à que foram chamados pelo Senhor.

A comunidade itinerante é uma proposta dentro do Projeto da Equipe Itinerante. Ela quer apoiar e fortalecer o trabalho do Projeto, oferecendo a possibilidade de viver em comunidade aos membros da Equipe que assim desejarem. Os membros desta comunidade farão parte e assumirão a missão numa das distintas áreas do trabalho da equipe.

Fraternidade e inculturação. Para desenvolver o processo de aproximação e identificação com os empobrecidos e excluídos, compreendemos que devemos morar no meio deles, formar uma comunidade fraterna que favoreça o processo de inculturação e encarnação que queremos viver.

Mais que uma boa equipe de trabalho! É importante ressaltar que ao falar de Comunidade Itinerante, estamos querendo expressar uma realidade que é mais que uma boa equipe de trabalho integrado por profissionais excelentes, muito capacitados, bem integrados como equipe, com alto rendimento e eficiência. A comunidade cristã, têm um elemento constitutivo fundamental: ser um grupo de homens e mulheres que fizeram uma experiência de encontro pessoal com Jesus Cristo; que se sentem amados/as, chamados/as e enviados/as por Ele. Homens e mulheres que compartilham e discernem uma mesma fé, vida e missão. Isto é o essencial à comunidade cristã. A competência e capacidade profissional, multiplicar os nossos talentos (Mt 25,14-30) e dar o

“magis” (o mais possível) de nós mesmos, pondo todos os meios ao nosso alcance, é muito importante e necessário; porém, multiplicar os talentos, é a resposta coerente e responsável que a comunidade e cada um de seus membros dá ao chamado amoroso de Deus e à missão a que Ele lhes enviou.

Morar na comunidade é uma opção livre. No nosso caso, se pode formar parte da Equipe Itinerante sem formar parte da Comunidade Itinerante. Não todos os membros da Equipe Itinerante têm que viver nesta Comunidade Itinerante; somente aqueles que se sintam chamados a viver esta experiência e livremente optem por ela.

Comunidade em dispersão para a missão. O sentido e eixo organizador da Comunidade Itinerante é a Missão Itinerante. A comunidade está em função da missão e não ao contrário. A nossa Comunidade Itinerante inserida entre os pobres é para apoiar, fortalecer, dar coerência e credibilidade a nós mesmos e a nossa missão.

4.2. Comunidade mista, multidimensional e itinerante

A proposta é que a Comunidade e a Equipe sejam mistas, multidimensionais e itinerantes.

Mista: Formada por leigos/as, religiosos/as, padres. Compreendemos que uma comunidade mista é muito mais rica e consegue ter uma percepção mais integral, mais completa e mais plural da realidade. Nela resgata-se a riqueza e a fecunda complementaridade do encontro entre o feminino e o masculino.

Multidimensional: As pessoas que integrarão esta comunidade podem ter formação diversa: teologia, bíblia, educação, política, filosofia, saúde, agronomia, antropologia, economia, direito, serviço social, etc. Com essa variedade de dimensões se enriquece a vida e a missão. A busca e construção da Vida Abundante (Jo 10,10) no meio dos excluídos, exige esta multidimensionalidade na nossa práxis pastoral.

Itinerante: A comunidade está em função da missão itinerante, por isso ela deve ser também itinerante. Não só se faz comunidade estando juntos, fixos num único lugar. É importante aprender a fazer comunidade itinerando, de dois em dois, de três em três, ou inclusive viajando sozinho... Fazer comunidade entre nós é também uma vivência para poder fazer comunidade com aqueles que encontramos nas nossas itinerâncias.

Partilha e discernimento de fé, vida e missão. Esta Comunidade Itinerante, de "seguidores/as", de "amigos e amigas no Senhor", que se sentem amados/as, chamados/as e enviados/

as pelo Mestre para anunciar a Boa Nova do Reino e sua Justiça (Mt 6,33), partilha e discerne em comum sua FÉ, sua VIDA e sua MISSÃO.

A diversidade é riqueza e não é ameaça. A diversidade não castra nem esteriliza a vida. Pelo contrario, a faz fecunda. A comunidade mista e multidimensional é uma riqueza, não uma ameaça a identidade das pessoas. Todos se enriquecem com a variedade de voações e carismas, experiências e formação, pontos de vista... A unidade da comunidade se fundamenta na experiência pessoal de Deus, que nos fez diversos, *a sua imagem e semelhança*. A unidade se constrói na pluralidade e diversidade, não na uniformidade.

A diversidade exige relações de complementaridade e não de competição. O grande risco de uma comunidade mista e multidimensional é que as pessoas entrem em relações de competição, para ver quem é mais, quem é o melhor, quem tem a verdade... A grande diversidade da comunidade exige relações de complementaridade e corresponsabilidade.

5. ALGUNS TRAÇOS DA ESPIRITUALIDADE ITINERANTE

"Aceita as surpresas que transtornam teus planos,
derrubam teus sonhos,
dão rumo totalmente diverso ao teu dia e,
quem sabe, à tua vida.

Não há acaso.

Dá liberdade ao Pai, para que Ele mesmo conduza a trama de teus dias"

DOM HELDER CÂMARA

A expressão "espiritualidade itinerante" evoca leveza e movimento em novas direções, sem carregar com muitas coisas, nem muitas estruturas, nem projetos próprios, nem idéias fixas... Pressupõe abertura espiritual suficiente para compreender o que diz o Espírito, deixando-nos surpreender e conduzir por Ele ao encontro dos pequenos.

Para além da itinerância geográfica. A itinerância geográfica consiste em estar disponível para ir em qualquer lugar onde mais precisar. Porém, o que deve sustentar esta itinerância é a atitude interior de itinerante, bem mais exigente que a própria mobilidade externa. Trata-se de sair dos nossos esquemas mentais, das nossas obras, estruturas ou organizações pastorais, da nossa visão cultural das coisas, da nossa própria experiência religiosa, inclusive, de nossas próprias seguranças. Isto é para ir ao encontro do diferente numa atitude de escuta e acolhida profunda e sincera. A atitude itinerante nos custa mais, por criar maior insegurança em nós. Mas é ela que deve alimentar nossa espiritualidade.

A serviço dos pobres. Trata-se de uma espiritualidade em gestação contínua, que exige criatividade, abertura, desprendimento, renúncia a toda forma de poder e controle dos outros, sensibilidade humana... Isso nos aproxima e abre no serviço dos pobres.

A Bíblia é a inspiradora da itinerância, tanto interior como geográfica. É interpretando os mais remotos personagens bíblicos, que compreendemos que a Vontade de Deus supõe um sair de si e um caminhar confiante em

que Ele caminha com a gente e junto aos excluídos, na busca de libertação.

Discernimento. Nas estradas da itinerância não há caminhos pré-fabricados, fórmulas e receitas prontas. Faz-se necessário ter uma atitude permanente de discernimento, pessoal e comunitário para ver por onde o Espírito nos encaminha na missão.

Correção fraterna. Na comunidade queremos cultivar a ternura na vigilância cotidiana das mútuas relações e acontecimentos por meio do discernimento pessoal e comunitário, auto-avaliando e avaliando-nos, para sintonizar com a Vontade de Deus.

Unidade na dispersão. A comunidade itinerante existe como meio e apoio referencial para o desempenho da missão itinerante. É uma comunidade que vive em tensão entre o "estar juntos" e "estar dispersos". Ela se realiza, antes e fundamentalmente, na unidade do serviço, pela oração e amizade de cada membro.

Espiritualidade Trinitária. É a Trindade que fundamenta o espírito comunitário. A pessoa, o projeto e a prática de Jesus Cristo, Verbo Encarnado e Bom Samaritano (Fl 2,1-13; Lc 10,29-37), aponta o rumo que buscamos. Somos pessoas bem diversificadas culturalmente, pertencemos a congregações e carismas diferentes, estilos de vida e vocações também diferenciadas. Com esta diversidade, estamos dispostos/as a colocar em comum nossos sonhos e desejos de uma vida fraternal que possa testemunhar nossa filiação com Deus Uno e Trino, Uno e Diverso.

Unidade, Partilha e Festa. O que reúne, unifica e aponta o estilo de vida

da Comunidade, que buscamos, é o projeto cristão do grupo dos Apóstolos e Discípulos/as de Jesus Cristo. *"Pai, que todos sejam um... para que o mundo creia"* (Jo 17,21). Buscamos a união de ânimos e corações entre nós e com os demais para viver esta unidade e comunhão (At 4,32). Buscamos a partilha dos bens, do dinheiro e dos dons de cada um (At 2,44-45). Aprendemos com os povos indígenas que "a vida é casa comum". Buscamos celebrar juntos a nossa fé e a nossa vida, integrados com as lutas, sofrimentos e esperanças do povo com quem caminhamos e vivemos por meio da confraternização, da oração, da Palavra e da Eucaristia (At 2,42).

Complementaridade e co-responsabilidade. Os grandes rios são formados por uma infinidade de pequenos e diferentes igarapés de cores diversas.

Ao se dar o encontro das águas, sua beleza é indescritível. O rio maior não se orgulha do seu caudal, pois sabe ser alimentado pelos pequenos. Se os pequenos rios secarem, o grande rio morre com toda a vida que nele existe... Todos, pequenos igarapés e grandes rios, correm a seu destino final: o imenso oceano. Assim também é a comunidade mista, multidimensional e itinerante. Ela exige somar forças, relações de complementaridade e co-responsabilidade. Exige existir como indivíduos mas também existir como comunidade; e todos correndo para o Reino.

Espiritualidade do diálogo. Para construir esta comunidade tão diversa é fundamental integrar uma espiritualidade da escuta e do diálogo transparente, sincero e fraterno, entre nós e com aquelas pessoas que Deus envia para esta missão. O diálogo é o caminho...

6. DESAFIOS, TENTAÇÕES E PERGUNTAS

6.1. Alguns desafios, tentações e perguntas na missão itinerante

A missão itinerante é ou não "eficaz"? Frente a essa pergunta que muitos levantam a tentação é de reproduzir estruturas e mediações pesadas, que a longo prazo, nos atam e fazem gastar nossas energias em manter ditas estruturas distanciando-nos dos mais pequenos. A experiência de Jesus e das primeiras comunidades cristãs foi de uma grande itinerância, será que não foi eficaz?

"Turismo pastoral". Muitos não compreendem o nosso estilo de missão. Expressam que nós "estamos fazendo pastoral de férias" ou "turismo pastoral", que estamos perdendo tempo. Conviver com isso não é sempre fácil, sobretudo quando temos de aceitar que a muitas perguntas e questionamentos não temos respostas claras. Acaso é "turismo pastoral" o deixar-se conduzir pelo Espírito, sem ter todo o futuro já planejado e todas as respostas prontas? Será que não temos engolido a produtividade e eficácia do mercado na nossa práxis pastoral?

Insegurança de não ter o caminho bem delimitado. A itinerância, mais que uma estrada de asfalto é uma trilha na mata. Nem sempre se distinguem com clareza o caminho por onde há que continuar... O inesperado sempre está presente. Uma dose de bom humor é muito sadia para poder levar com alegria os momentos, freqüentes, de incerteza. Será que o próprio Jesus, os primeiros discípulos/as e as primeiras comunidades cristãs não tinham também muitas interrogações nos primeiros passos da caminhada? Não será que é esse um dos jeitos de agir o Espírito, contrário às clarezas, certezas e seguranças que o nosso mundo neoliberal endeusa?

Renúncia ao poder: apoiar as obras dos outros. Isso exige um nível de renúncia e sacrifício muito grande. A gente não vê os frutos. A gente não controla nada, só apoia e fortalece o "poder", as obras dos outros... Quando já não se necessita de nossa ajuda, porque alcançaram os objetivos desejados, somos dispensados. Nós não somos os que "conduzem o processo". Até que ponto estamos dispostos a renunciar ao poder que significa ter obras próprias? Não é também muito evangélico ajudar a que Ele cresça e nós diminuamos?

Estar sempre de passagem: "superficialidade" do trabalho!? Isso traz pouco retorno afetivo. Os outros sempre nos vêm como "visita útil". Isso significa aceitar uma certa "superficialidade" no trabalho, sobretudo, quando se trata de povos indígenas. Estamos dispostos a renúncia afetiva que significa um trabalho itinerante?

Perigo de dispersão. Ao estar disponível para os outros e em função dos pedidos e necessidades dos outros, é fácil cair na dispersão. Por isso, é muito importante discernir e priorizar bem os distintos apoios. Estamos dispostos a correr o risco, sempre possível, de sentirmos às vezes dispersos no trabalho?

Saúde física e equilíbrio pessoal. Estar muito tempo na "estrada", nos rios, na mata ou na periferia, exige ter uma boa saúde física. Por um outro lado, a conflitividade e insegurança de muitas situações que se apresentam exigem também um certo equilíbrio pessoal. Nos sentimos com suficiente saúde física e mental para assumir um trabalho itinerante?

6.2. Desafios, tentações e perguntas na comunidade itinerante

Articulação entre comunidade e missão. Esta tensão que se dá sempre em toda comunidade, é muito mais forte na Equipe Itinerante... Encontrar o ponto de equilíbrio é um constante desafio que às vezes traz conflitos entre os membros. Aceitar que esta tensão sempre vai existir e que nunca se vai encontrar "a solução ideal", já ajuda a situar-se melhor neste dilema e não polarizar o conflito ao ponto de ser um tremendo desgaste para todos. Somos capazes de aceitar e conviver com tranquilidade no meio de uma sadia tensão entre missão e comunidade? Aceitamos a correção fraterna para nos equilibrar nesse ponto?

Articulação dos distintos carismas e vocações. Saber descobrir a riqueza

za no carisma do outro, na vocação diferenciada do outro é fundamental para a sobrevivência da comunidade mista. A tentação primeira é que todos funcionem e olhem a realidade a partir do meu ponto de vista. Esse é um perigo forte, que se dá particularmente em comunidades mistas onde há religiosos/as e leigos/as: os religiosos/as querem que os leigos vivam como se fossem religiosos/as (com votos) e os leigos/as reagem fortemente a isso. Também se pode dar o caso contrário. Temos capacidade para conviver com o diferente, com pessoas, sexos, carismas e vocações diferentes? Somos flexíveis para abrir mão dos nossos pontos de vista para aceitar o jeito de ver dos outros?

Uso dos recursos econômicos.

Esse é um ponto particularmente delicado. Com facilidade a sensibilidade se sente ferida. Cada um tem suas exigências pessoais diante de Deus em matéria de pobreza, isso tem que ser profundamente respeitado... Mas por outro lado ninguém pode impor suas exigências aos outros. Particularmente os religiosos/as devem cuidar-se neste ponto em relação aos leigos/as, pois com facilidade querem que os leigos/as vivam como se tivessem feito voto de pobreza. Sentimos que o convívio com leigos/as, religiosos/as nos ajudam a integrarmos melhor como pessoas, leigas ou religiosas?

Equipe local, suporte da comunidade. A comunidade, seu funcionamento, as relações com os vizinhos, etc. pesam mais sobre a equipe local que trabalha na periferia da cidade e mora permanentemente nela. As equipes do interior, ribeirinha e indigenista,

constantemente chegam e vão, estão de passagem. Se a equipe local não é suficientemente numerosa e forte, acabam pesando muito sobre ela a comunidade e as idas e vindas das outras duas equipes.

Equilíbrio e saúde. Morar na periferia exige um certo equilíbrio pessoal e saúde física. Além do equilíbrio e maturidade que exigem uma convivência entre homens e mulheres, distintas congregações e leigos/as, morar na periferia requer também maturidade para saber conviver com certo nível de conflitividade presente nela. Temos estrutura suficiente para viver no meio de uma realidade inserida com leigos/as, religiosos/as de carismas diferentes?

"Perda de identidade". Algumas pessoas de fora têm questionado o risco que correm os membros de nossa comunidade de perder sua própria identidade, já seja pessoal, vocacional ou congregacional. Muito pelo contrario, a avaliação da gente sobre esse ponto é que as identidades e carismas pessoais se consolidam e se afirmam mais no convívio com o diferente. Morar e trabalhar com leigos/as, religiosos/as de distintas congregações fortalece nossa identidade ou nos desintegra como pessoas e religiosos/as?

Pelo mesmo "Caminho de Emaús"...

Na mensagem final da XIV Assembleia Geral da CLAR, celebrada em Caracas, Venezuela em junho de 2000, é convocado um Concílio da Vida Religiosa da América Latina e do Caribe com o lema: *"Pelo caminho de Emaús"*. O Espírito, que renova todas as coisas, parece que está soprando forte, animando e

encorajando para a “refundação”. Isso é, colocar-nos de novo em caminho, como o fizeram nossos fundadores e fundadoras, para dar resposta hoje, como eles e elas fizeram ontem, aos novos desafios históricos e ao *“clamor de nossos povos latino-americanos e caribenhos empobrecidos, profundamente marcados pelas seqüelas das estruturas econômicas, sociais e políticas injustas, agudizadas pelas medidas e ajustes de corte neoliberal, produtores de marginalização e exclusão”*².

Os cristãos leigos e leigas, articulados no Conselho Nacional de Leigos, assumem: “O empenho para que a Igreja viva a comunhão e a participação, na diversidade de ministérios e carismas, verdadeiro povo de Deus, onde haja coresponsabilidade de forma orgânica e seja o sinal vivo do Reino de Deus; uma

espiritualidade encarnada nas várias realidades, vivenciada na comunhão, inspirada no testemunho das bem-aventuranças, que se expressa especialmente na evangélica opção preferencial pelos pobres e oprimidos, assumida e proclamada pela Igreja da América Latina.” (Documento dos leigos/as)

Os muitos carismas assumidos pelos leigos/as e religiosos/s têm uma mesma finalidade, uma única missão: fazer presente no mundo o Reino de Deus. Os vários carismas estão a serviço da Igreja, da Missão, do Reino e sua Justiça. O desafio que talvez o Espírito nos coloca neste início de milênio é itinerar leigos/as e religiosos/as pelo mesmo Caminho de Emaús para que Ele possa sair, mais uma vez, ao nosso encontro e assim o descubramos juntos, ao partilhar o pão.

QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL OU O DEBATE EM COMUNIDADE

Os autores colocam no ponto o do seu texto uma série de perguntas, muito vitais e concretas. Seleccione algumas delas, que considere mais significativas no seu contexto, para comentá-las e debetá-las com a comunidade.

Ir. Arizete Miranda, csa e Pe. Fernando López, sj.
Membros da equipe itinerante

Rua Castelo Branco, 101 - Vitória Régia
69033-230 Manaus - AM
Tel.: (92) 637-1343
E-mail: itiner@argo.com.br

Fórum Social Mundial

Forum Social Mundial

I

PE. ERNANNE PINHEIRO

A CRB, como uma das instituições patrocinadoras do evento, marcou presença no Fórum na pessoa do seu Presidente Nacional, Pe. João Roque Rohr, da Presidente da CRB Regional de Porto Alegre — Ir. Virgínia Bonnalume, e de outros e outras representantes.

O Fórum Social Mundial foi uma experiência significativa firmando a convicção de que há, no mundo de hoje, uma *reserva de esperança*.

A cidade de Porto Alegre, além do acolhimento primoroso aos participantes do Fórum, revelou para o mundo um modelo de democracia participativa em consolidação. Porto Alegre significou, também, simbolicamente, um “porto alegre” onde desembarcaram multidões, acreditando no lema “um mundo novo é possível”.

Realizava-se no Fórum a utopia de Dom Hélder Câmara: ver reunidas as “minorias abraâmicas” que esperam contra toda esperança, trazendo na sacola da longa tribulação propostas alternativas. Não é, por caso, que o jornal *Le Monde Diplomatique* afirmou que o século XXI começaria em Porto Alegre. Foi caracterizado como o “Davos quente”.

Claro que há ambigüidades. Lembremo-nos da parábola de Jesus do joio e do trigo! Sobretudo é bom recordar no texto bíblico a pergunta dos empregados do campo: “Queres que arranquemos o joio? O dono respondeu: Não. Pode acontecer que arrancando o joio, vocês arranquem também o trigo. Deixem crescer um e outro até à colheita” (Mt13,28-30).

Vivemos em Porto Alegre a soma dos cansados de guerra mas não cansados da luta e os jovens ansiosos por uma nova aurora. Um africano de Borundi lembrava no plenário: “Por mais escura que seja a noite ela carrega o novo dia”. Vivemos a tensão entre o entusiasmo dos jovens militantes, defendendo um socialismo com dose forte de sonhos e os calejados pelas estradas rodadas em busca de um projeto de sociedade sustentável, nos parâmetros da democra-

cia. Tensão profícua entre os ardores dos militantes ativistas e os formuladores do projeto da nova sociedade — parlamentares, professores das universidades, sindicalistas, dirigentes dos movimentos sociais, ONGs, jornalistas...

Algumas convicções fortes vinham logo à tona como críticas ao horror econômico desencadeado pela agenda neoliberal: a globalização financeira aumentou o empobrecimento; o desemprego ameaça o futuro da humanidade; o mundo não é uma mercadoria; a pessoa humana está sendo mercadoria descartável; a liberalização total do sistema financeiro aumenta cada dia a especulação financeira perversa...

Havia um grande anseio das entidades: se fazer visível como organização, consequência lógica do ostracismo em que foram jogadas. Impressionante o número de panfletos distribuídos, de faixas, camisas com frases de efeito, palavras de ordem... Ao mesmo tempo, o Fórum revelou unidade em vários aspectos.

Os grupos dos Fóruns afirmavam, na expressão do professor José Luís

Fiori, o “dissenso de Washington” mediante um consenso: o ser humano é a medida de todas as coisas e não o lucro, o individualismo. A palavra mais pronunciada no Fórum era a Solidariedade. Todos buscavam alternativas para uma Globalização da Solidariedade.

Parte da grande imprensa do Brasil não só desviou o enfoque central do evento como o ridicularizou e o minimizou. A interpelação constante: que conclusões em tão grande diversidade! Simples ideologia? Falta de experiência de eventos internacionais? Falta de percepção do seu alcance?

De fato, o Fórum tinha como objetivo um horizonte maior que elaborar e proclamar conclusões escritas. Seu objetivo foi alcançado: afirmar um jeito social internacional, um ator alternativo na esfera mundial — em torno da convicção de que um mundo diferente é viável. A tese do “pensamento único” estava definitivamente fragmentada.

O FÓRUM EM NÚMEROS

Cito dados oferecidos pelo Pe. Pedrinho Guareschi, professor da PUC, acompanhando as rádios comunitárias que fizeram a cobertura do acontecimento histórico desta madrugada do milênio.

Estavam presentes no circuito do Fórum Social Mundial mais de 10.000

pessoas (sem falar nos momentos de massa em que se integravam os habitantes da cidade, a marcha do primeiro dia, por exemplo) provenientes de 122 países, representando quase 1.000 entidades.

De fato, ao Fórum principal com 4.000 delegados se somaram alguns

pequenos Fóruns (oficinas mais especializadas): da juventude (mais de 3000 jovens), dos índios (600), dos parlamentares de todo mundo (420), das autoridades locais (270).

1.800 jornalistas faziam a cobertura do evento; o serviço de imprensa do Fórum colocou à disposição dos trabalhadores da comunicação 88 canais de Internet.

A ORGANIZAÇÃO DO FÓRUM – PASSOS PERMEADOS DE IMPASSES

A equipe de coordenação do Fórum montou um esquema simples para levar a uma participação da maioria dos integrantes do evento, envolvendo muitos debatedores em lugares e horários diversos. Não foi fácil a organização.

A parte das manhãs

Os quatro dias de estudo funcionaram com quatro “eixos temáticos” para cada dia — com cinco palestrantes de países diferentes em cada eixo e nem sempre de tendência uniforme. Ficava a critério de cada delegado escolher o eixo preferido.

No primeiro dia, os quatro temas em forma de pergunta: a) Como construir um sistema de produção de bens e serviços para todos? b) Como traduzir o desenvolvimento em desenvolvimento humano? c) Como fortalecer a capacidade de ação das sociedades civis e a construção do espaço público? d) Quais são os fundamentos da democracia e de um novo poder?

No segundo dia: a) Que comércio internacional queremos? b) Como garantir o caráter público dos bens comuns à humanidade, sua desmercantilização, assim como o controle social sobre o meio ambiente? c) Como asse-

gurar o direito à informação e a democratização dos meios de comunicação? d) Como democratizar o poder mundial?

No terceiro dia: a) Que sistema financeiro para assegurar a igualdade e o desenvolvimento? b) Como promover a universalização dos direitos humanos e assegurar a distribuição de riquezas? c) Quais os limites e possibilidades da cidadania planetária? d) Qual o futuro dos Estados-Nações?

No quarto dia: a) Como garantir as múltiplas funções da terra? b) Como construir cidades sustentáveis? c) Como garantir as identidades culturais e proteger a criação artística da mercantilização? d) Como mediar os conflitos e construir a paz?

A parte das tardes

Era reservada para as oficinas de trabalho. Foram organizadas umas 400 oficinas, para todos os gostos. Tanto os cômodos da PUC como da Universidade Federal estavam disponíveis para isto. Normalmente, oficinas em sintonia com as aspirações e preocupações das entidades que as organizaram. Difícil de articular, de saber exatamente o que foi discutido no seu conjunto, embora já tenhamos sinais de temas tratados com muita profundidade.

O "MARKETING" QUE TORNOU O FÓRUM UNIVERSAL

a) A própria reunião de Davos. Ao reprimir as expressões européias contrárias às teses neoliberais aí defendidas chamava a atenção da opinião pública para o que estava acontecendo no outro lado do Atlântico, no continente das Américas, em Porto Alegre/Brasil.

b) A teleconferência — um expediente fruto da globalização das comunicações prestando serviços à globalização da solidariedade. Um primeiro esforço de diálogo. Pode até ser diálogo de surdos mas um diálogo.

— De um lado, o grupo da Suíça/Davos: o húngaro George Soros, morando nos Estados Unidos, um ícone da especulação globalizada; um empresário suíço Bjorg Edlud; dois consultores das Nações Unidas: John Ruggie e Mark Malocch.

— Do outro lado, o Fórum de Porto Alegre (10 pessoas): Aminata Traoré, ex-ministra da Cultura de Mali/África; Bernard Cassen, diretor do jornal *Le Monde Diplomatique*/Paris; Raphael Alegria, líder do movimento via Camapesina/Honduras; Hebe Bonafini, presidente da organização Mães da Praça de Mayo/Argentina; Walden Bello, sociólogo e membro do Greenpeace Internacional; Nijoki Njehe, queniana, dire-

tora de uma ONG; Diane Matte, da Organização Marcha Mundial das Mulheres; Oded Grajew, um dos organizadores do Fórum Mundial/Brasil; Trevor Ngwate, advogado sul-africano. Também participou do debate, embora não nomeado na lista oficial, o Padre François Houtart, conhecido sociólogo belga.

A TVE de Porto Alegre transmitiu na íntegra o debate televisionado via satélite. Os comentários logo após o evento: do lado de cá muita indignação; do lado de lá uma certa indiferença às questões substantivas; do lado de cá as pessoas têm cara, têm sonhos, do lado de lá o mundo sem rosto, racional... O clima da teleconferência foi conflitivo; o motorista do táxi que tomei no dia seguinte criticou o estilo agressivo do debate; nesta forma não se consegue nada, diz o taxista.

c) O caso "José Bové" foi um fenômeno do FSM. Ao arrancar hectares de soja transgênica na fazenda de uma empresa multinacional, cujo diretor estava em Davos, Bové provocava uma repercussão positiva sobretudo na Europa. Isto em sintonia com o Movimento dos Sem Terra do Brasil. Deu visibilidade ao Fórum Social, é certo, embora com uma pitada de espetáculo, no meu entender.

A CELEBRAÇÃO DO ENCERRAMENTO

De fato, não saiu um documento final. A imprensa tentou pinçar algumas linhas de propósitos e compromissos de cartas de fóruns específicos(oficinas).

No entanto, o clima de celebração na sessão final foi alegre e esperançoso — entre cânticos, números de arte e depoimentos. A coordenação tentou ouvir pes-

soas dos mais variados países mediante a pergunta: "a partir do seu país é possível um mundo novo? Por que? Como?"

Um consenso forte: a continuidade de articulação da sociedade civil se faz necessária. Estavam no ar algumas perguntas: a) sobre a dívida externa; b) sobre a aplicação da taxa Tobin; c) como acabar com os paraísos fiscais...

Para terminar, um poema de Luís Fernando Veríssimo sobre *o Parâmetro Humano* resumiu os grandes consensos. E *o Mosaico da Cidadania*, tijolos trabalhados artisticamente com símbolos e frases, uniu e perpetuou, em Porto Alegre, os *sinais de esperança* de que um mundo novo é possível.

 Pe. Ernanne Pinheiro

Cx. Postal: 02067
70259-970 BRASÍLIA - DF

Fórum Social Mundial **Fórum Social Mundial**

II

FRANCISCO WHITAKER

O Fórum Social Mundial de Porto Alegre foi sem dúvida um enorme sucesso. Expectativas largamente ultrapassadas, perspectivas de continuidade apontando para a construção de uma nova e poderosa barreira ao domínio do neoliberalismo no mundo. Ficou claro que o "fim da história" é uma enganação, e que já não há lugar para um "pensa-

mento único". A sociedade civil globalizou-se na luta contra a lógica perversa e cruel da acumulação do capital.

É fundamental fazer um balanço desse acontecimento histórico. Por que milhares de pessoas, de mais de cem países do mundo, afluíram a Porto Alegre? Os organizadores previam 2.500 e vieram 4.000 delegados e 6.000 mil outras pessoas que a eles se juntaram

nas oficinas, e quase outro tanto que se distribuíram pelos eventos, encontros e manifestações — acompanhados, fotografados, entrevistados por quase 2.000 jornalistas de todo o mundo. De onde surgiu tanta energia que perpassou as múltiplas atividades desenvolvidas no Fórum? Qual o motivo do entusiasmo contagiante com que todos retornaram às suas casas depois de seis dias de intenso convívio?

As lições a tirar são essenciais para assegurar o empuxe desse novo tipo de luta que amadureceu: uma resistência, mundialmente articulada, à globalização a serviço do dinheiro, juntamente com a formulação de alternativas para a construção de outro mundo, centrado no ser humano.

A primeira razão desse sucesso foi a oportunidade da convocação. No plano mundial, era a hora de um salto qualitativo nas manifestações que nos últimos três anos vêm contestando as decisões das multinacionais e dos governos, FMI, OMCs e Bancos Mundiais a seu serviço. Nos mesmos dias em que, em Davos, os donos do mundo se encontram, disputou-se a mídia internacional, para protestar mas também e principalmente para discutir como fazer para construir um mundo novo, a partir do que já se faz de alternativo. A presença maciça de brasileiros, por sua vez, sinalizou que o discurso presunçoso que desqualifica opositores, tão ao gosto de FHC, já está cansando, e já se torna imperioso reagir com força à submissão de nosso país aos interesses do capital internacionalizado.

A seriedade dos debates se deveu à condição de participação: a inscrição dos delegados ao Fórum era feita pelas entidades e movimentos em que cada pessoa estava atuando. Vieram portanto a Porto Alegre representantes de organizações já engajadas em diferentes tipos de luta. O interesse no entanto tornou-se tão grande que as oficinas tiveram que ser abertas para participantes inscritos individualmente, com uma taxa simbólica. E nos grandes eventos foi aberta a todos a participação...

Outra razão do sucesso do Fórum foi seu formato. Um temário cobriu o que tem que ser considerado na construção de um mundo a serviço do ser humano. Para cada eixo desse temário, foram formuladas questões, sinalizando que não queremos substituir um "pensamento único" por outro "pensamento único" pronto e acabado, mas sim lançar um processo de busca, diversificada e plural. Com base no temário foram promovidos painéis, todas as manhãs, com pessoas que estão refletindo e agindo nos diversos países e continentes, na busca de um novo mundo. Durante as tardes o processo se invertia: os participantes definiram o que queriam debater, propondo oficinas organizadas por eles mesmos. As salas das mais de 400 oficinas ficaram superlotadas. No final da tarde, testemunhos de experiências pessoais significativas, também em salas superlotadas. Os shows da noite só podiam ser em praça aberta, encerrando em clima de festa os trabalhos intensos do dia.

Por opção prévia dos organizadores, o Fórum não teve um documento final. Ele não tinha caráter deliberativo enquanto Fórum, com novas "palavras de ordem". Seus participantes deliberariam nas oficinas propostas por eles mesmos, sobre o que fariam em seguida, a partir das trocas de experiências e novas articulações surgidas. Seria empobrecedor reduzir essas decisões a um documento único que pretendesse sintetizá-las. Na prática comprovou-se que era fundamental manter a integridade das propostas discutidas nas oficinas, com sua extrema riqueza, multiplicidade e diversidade. O documento final do Fórum Social Mundial, a ser divulgado através da Internet, tornou-se portanto

esse conjunto de propostas, diretrizes, programações e compromissos assumidos por todos e cada um dos representantes das quase mil organizações participantes, adensando ainda mais os laços e ações da extensa rede de todos que cada vez mais se unem, democraticamente, nessa luta comum.

E agora? Os anos pares serão multipolares: simultaneamente, em diferentes países, nas mesmas datas de Davos, um conjunto de Fóruns Mundiais interligados. Nos anos ímpares, um único Fórum Mundial. O neoliberalismo que se cuide: uma onda avassaladora nasceu em Porto Alegre, para se contrapor ao seu domínio e mostrar que "um outro mundo é possível".

QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL OU O DEBATE EM COMUNIDADE

1. Como se repetiu em sua comunidade o Fórum Social Mundial?
2. Das questões tratadas no Fórum, quais você e sua comunidade julgam mais importantes ou urgentes em seu contexto?
3. Como você e sua comunidade podem colaborar para dar efetividade as grandes linhas de força do Fórum?

 Francisco Whitaker, Secretário da Comissão Brasileira de Justiça e Paz.

SES Qd. 801 - Conj. B
70401-900 BRASÍLIA - DF